

**Análise comparativa de quatro testemunhos da comédia d'Os
Estrangeiros, de Francisco Sá de Miranda**

Filipa Silveira de Freitas

**Dissertação de
Mestrado em Estudos da Cultura**

Data (Março, 2011)

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Cultura, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Artur Anselmo e do Professor Doutor José Camões.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a José Camões por ter disponibilizado o material necessário para a realização desta dissertação.

Agradeço aos meus orientadores, Artur Anselmo e José Camões, pelo apoio e acompanhamento.

Um especial agradecimento a Sérgio Ribeiro por estar ao meu lado durante todo o percurso de realização do trabalho, sempre com palavras de grande amizade.

Um especial agradecimento a Isabel Pinto pela ajuda, amizade e apoio.

Agradeço à minha família pelo tempo que me ouviram falar desta dissertação e por acreditarem em mim.

ANÁLISE COMPARATIVA DE QUATRO TESTEMUNHOS DA COMÉDIA D'OS ESTRANGEIROS, DE FRANCISCO SÁ DE MIRANDA

FILIPA SILVEIRA DE FREITAS

PALAVRAS-CHAVE: Diferenças, Semelhanças, Reescrita, Censura

RESUMO

Na presente dissertação temos por objectivo fazer um levantamento das diferenças entre quatro testemunhos (dois manuscritos e dois impressos) da comédia d'*Os Estrangeiros*, de Francisco de Sá de Miranda, com o intuito de perceber quais os métodos mais recorrentes de reescrita da comédia. Estabelecemos, por conseguinte, três: redistribuição, redução e expansão textual. Por redistribuição entendemos a deslocação de texto entre as versões; por redução e expansão a ausência e presença de texto, respectivamente, numa comparação entre os testemunhos. Para além da reescrita, pretendemos, também, analisar as diferenças encontradas em relação à Intriga e às Personagens, assim como o levantamento das expressões com referências literárias/eruditas e populares.

Pretendemos, ainda, dar um pequeno contributo para uma questão levantada por Camões e Carlos (2006): a censura na comédia. Dado que apenas no *Índice Expurgatório* de 1624 a comédia é oficialmente censurada, e que parte dos nossos testemunhos é anterior a essa data, procedemos ao levantamento dos exemplos que pareciam sugerir essa hipótese, tentando, assim, reunir a partir deles elementos que auxiliassem na sua confirmação ou refutação.

Outra das questões mais abordadas em relação à comédia d'*Os Estrangeiros* centra-se na cronologia das versões. Não obstante as informações que reunimos não serem suficientes para permitir o estabelecimento de uma cronologia, procedemos ao levantamento dos exemplos que são partilhados, de forma exclusiva, entre a versão mais reduzida e modificada e cada um dos manuscritos (com muitas semelhanças entre si), com o intuito de contribuir com elementos que possam ser relevantes para o futuro estudo da comédia.

Não pretendemos que o presente trabalho fosse exaustivo, mas sim uma primeira abordagem sistemática das diferenças e dos elementos que se afiguraram mais relevantes na comparação entre os testemunhos.

COMPARATIVE ANALYSIS OF FOUR VERSIONS OF FRANCISCO SÁ DE MIRANDA’S COMEDY OS ESTRANGEIROS

FILIPA SILVEIRA DE FREITAS

KEYWORDS: Differences, Similarities, Rewrite, Censorship

[ABSTRACT]

In this thesis we aim to survey the differences between four testimonial documents (two manuscripts and two printed) in the comedy “Os Estrangeiros”, from Francisco de Sá de Miranda, in order to understand which methods are most frequent on comedy rewriting. We, therefore, established three: redistribution, reduction and textual expansion. It’s meant by redistribution the text displacement in between versions. By expansion and reduction, and through the comparison of the documental testimonies, we mean the presence and absence of text, respectively. In addition to rewriting, we also intend to examine the differences found, concerning the intrigue and the characters, as well as listing expressions with literary/classical and popular references.

We also intend to make a small contribution to an issue raised by Camões and Carlos (2006): censorship in comedy. Since only the index purge of 1624 comedy is officially censured, and that part of our testimonials is prior to that date, we proceeded to survey the examples that seemed to suggest this hypothesis, thus trying to gather information that helped in its confirmation or refutation.

Another of the most discussed issues regarding the comedy “Os Estrangeiros” focuses on the timing of the versions releases. Despite the fact that the information gathered is not sufficient to allow chronologic settlement, we proceeded to survey the examples that are shared, exclusively, between the smaller version and each of the manuscripts (with many similarities between them), aiming to contributing with elements that may be relevant for the future study of the comedy.

This work was not intended to be exhaustive, but rather a first systematic approach on the differences and elements that have seemed most relevant when comparing the testimonies.

ÍNDICE [exemplo]

Introdução	1
Capítulo I: Descrição bibliográfica	
dos testemunhos da comédia d'Os Estrangeiros.....	6
Capítulo 2: Resumo da comédia	10
Capítulo 3: Comparação entre o Ms. AS e o Impresso de 1559	11
Capítulo 4: Redistribuição textual em Os Estrangeiros.....	19
Capítulo 5: Redução e Expansão: processos de reescrita.....	26
Capítulo 6: Intriga.....	36
Capítulo 7: Personagens.	48
Capítulo 8: O decalque literário: expressões latinas,	
citações, provérbios	56
8. 1. Expressões Latinas	56
8.2. Citações e Referências eruditas.....	59
8.3. Provérbios.....	61
Capítulo 9: A censura	64
Capítulo 10: O Impresso de 1561: proximidade com	
os manuscritos	68
Conclusões	75
Bibliografia	78
Anexo 1	i
Anexo 2.....	v
Anexo 3.....	x

LISTA DE ABREVIATURAS

Manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal: Ms. AS.

Manuscrito da Houghton Library da Universidade de Harvard: Ms. H

Edição da comédia em 1559: Impresso de 1559

Edição da comédia em 1561: Impresso de 1561

1. Introdução

Francisco Sá de Miranda é um dos autores mais influentes na cultura portuguesa do século XVI, não só pelos novos caminhos que propõe na poesia mas também pela novidade da prosa com que formata as suas comédias. No entanto, os seus dados biográficos não são consensuais e deixam muitas questões em aberto. A primeira biografia conhecida, de onde são recuperados a maior parte dos elementos da sua vida, acompanha a segunda edição das suas poesias, em 1614. Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*, atribui-a a D. Gonçalo Coutinho¹, embora alguns estudiosos como José de Sousa Machado estejam convencidos de que o faz «talvez por mera presunção, por quanto não deu a razão desta notícia bibliografica e certamente a daria se fosse sólido seu fundamento²». De acordo com o autor anónimo de 1614, «naceo Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495³».

Um dos poucos dados certos que temos sobre Sá de Miranda é a sua viagem a Itália, como o biógrafo anónimo refere: «& assi se foy a Italia visitando primeiro os mais celebres lugares de Espanha, & tendo visto com vagar, & curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, & o melhor de Cicilia, tornou-se ao Reyno». A acção das suas comédias situa-se, de facto, em duas cidades italianas – n' *Os Vilhalpandos* em Roma e n' *Os Estrangeiros* em Palermo. Todavia, não é certa a duração desta viagens. Carolina Michaelis de Vasconcelos situa-a entre 1521 e 1526:

Por lá andou o poeta uns cinco a seis annos, desde o outono de 1521 até 1526 '*em tempo de Hespanhoes e de Franceses*'. Visitou Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles e a Sicília, *com vagar e curiosidade*. Percorreu pois a península do Norte ao Sul, aumentando os seus conhecimentos da lingua e da litteratura. Sabemos que teve relações íntimas com homens celebres, como Giovano Pontano, Giovanni Rucellai, Lattanzio Tolommei e o bom velho Sanazzaro.⁴

Thomas Earle, por sua vez, indica que os documentos que a Sá de Miranda dizem respeito, e à sua relação com a cúria papal, que constam do *Chartularium*

¹ MACHADO, Diogo Barbosa, 1966, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica*, Coimbra, Atlântida Editora, Tomo II, p. 393 (fac-símile da edição de Inácio Rodrigues, 1767).

² MACHADO, José de Sousa, 1928, *O poeta do Neiva*, Braga, Editora Livraria Cruz, p. 16

³ *Vida do dovtor Francisco de Sa de Miranda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, & tratarão, & dos liuros das gerações deste Reyno*. 1614, in *As obras do Doctor Francisco de Saa de Miranda*, Lisboa, Livreiro Domingos Fernandez.

⁴ VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis, 1885, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, Max Niemeyer (Reprodução em fac-símile, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989), p. XIII.

Universitatis Portugalensis, colecção de todos os documentos relativos à vida dos alunos e professores da universidade portuguesa até à sua transferência para Coimbra em 1537,

têm também o efeito de confirmar a afirmação de Sylvie Deswarte de que havia uma ligação estreita entre o poeta e D. Miguel da Silva, bispo, e mais tarde Cardeal, que foi embaixador de Portugal junto da Santa Sé de 1515 a 1527. Na verdade, Sá de Miranda entrou no serviço de D. Miguel em 1515, quando este renunciou uma paróquia em favor do protegido, sendo assim provável que tenham ido juntos para Roma naquele ano. Segundo Sousa Costa, o poeta teria voltado para Portugal no segundo semestre de 1525⁵

É esta viagem a Itália que lhe permite tomar contacto com as novas tendências literárias, que irá aplicar nas suas obras. Assim, de acordo com Décio Carneiro:

Sá de Miranda teve igualmente ocasião de vêr em scena a comedia classica em prosa, moldada pela da antiguidade. Observador como era, não lhe escapou a importancia d'esse novo germen litterario e analysou-o cuidadosamente para o introduzir e adaptar em sua pátria⁶.

Para as comédias são três os modelos que o autor segue e menciona, na carta enviada ao infante D. Henrique com a comédia d'*Os Estrangeiros*: «Esta só lembrança lhe [à comédia] fiz à partida: que se não desculpassem de querer às vezes arremedar Plauto e Terêncio porque em outras partes lhe fora grande louvor; e se mais também lhe acoimassem a pessoa de um doctor como tomada de Ludovico Ariosto, que lhes pusesse diante os três avogados de Terêncio, dos quais um nega, outro afirma, o terceiro duvida, como inda cada dia acontece⁷». A filiação das comédias de Sá de Miranda no modelo clássico é de tal maneira inequívoca que leva Aires do Couto a afirmar:

As suas comédias são, pois, comédias romanas, nas quais faz uso das convenções do espaço, da caracterização e da acção que Plauto e Terêncio tinham estabelecido. Numa tentativa de rápida filiação dramática, não será difícil encontrar nas comédias de Sá de Miranda

⁵ EARLE, T. F., 2003, «Traição e Amargura nas comédias de Francisco de Sá de Miranda» in *Em Louvor da Linguagem – Homenagem a M. Leonor Buescu*, Lisboa, Colibri, p. 89.

⁶ CARNEIRO, Décio, 1895, *Sá de Miranda e a sua Obra*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand-José Bastos, pp. 26-27.

⁷ MIRANDA, Francisco de Sá, *Comédias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ed. T. F. Earle e José Camões (no prelo).

muitas destas personagens tipo, inspiradas, naturalmente, em personagens das comédias plautinas e terencianas⁸.

Martha Francisca Maldonado Baena da Silva, no seu estudo sobre os modelos mirandinos, introduz matizes na inspiração de Sá de Miranda:

o facto de suas comédias terem sido compostas em prosa, na língua vernácula e representarem um momento histórico de um passado muito recente, além de criticar situações que vinham ocorrendo no presente, indica que Sá de Miranda não buscou inspiração diretamente nos clássicos latinos, mas os imitou a partir do modelo italiano, especialmente o das comédias de Ludovico Ariosto, primeiro poeta do Renascimento a adaptar o modelo das comédias de Plauto e Terêncio, originalmente compostas em verso, à prosa, à língua e à cultura italianas.⁹

Nenhuma das comédias está datada com certeza, mas supõe-se que a primeira terá sido *Os Estrangeiros*, escrita aquando do regresso de Itália. Carolina Michaëlis de Vasconcellos afirma que «já em 1527-28 apresenta com inexcédível graça os seus „*Estrangeiros*“), a primeira comedia portuguesa em prosa» [VASCONCELLOS: XVI], seguida por outros autores, como Aires do Couto e Albino Forjaz de Sampaio, mas Thomas Earle faz coincidir a composição d'*Os Estrangeiros* com a estadia do autor em Itália:

It is curious how critics of the play seem unable to accept the perspective of foreign life adopted in the comedy – even their attempts to date it suggest that, unconsciously, they would have preferred Sá de Miranda to have presented his foreigners in a more conventional way. All of those who have written about the play assert, without justifying their views, that it was completed in 1526 or 1527, after Sá de Miranda's return to Portugal. Had he done so, he could have adopted the perspective of the returned traveller, who looks back on his experiences, with all the sense of superiority which derives from being at home, and compares his own society favourably with the foreign one. However, the play does not give that impression. Instead, it is written from within the foreign experience, and is, as it were, a report coming directly from the foreign

⁸ COUTO, Aires do, 2004, “As Comédias de Sá de Miranda, Arremedos de Plauto e Terêncio”, In *MÁTHESIS*, 13, p. 22.

⁹ SILVA, Martha Francisca Maldonado Baena da, 2006, *A comédia clássica de Sá de Miranda e o diálogo intertextual com seus paradigmas literários*, São Paulo, p. 95. Tese de dissertação de Mestrado.

correspondant who cannot help beeing part of the life which he describes.¹⁰

Ainda não foi encontrada documentação a atestar, a título definitivo, a representação das comédias, embora o biógrafo anónimo quinhentista o afirme:

as duas Comedias q fez em prosa, q por rezão do estilo Cómico são mais licenciosas, o Cardeal Dom Anrique que despois foy Rey destes Reynos, tam pio tam zelador da Fè, & dos bõs costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Mor, não se lhas mãdou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que despois foram gravíssimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Atayde Bispo de Viseu, meritíssimo Abbade d'Alcobaça do Conselho de Estado, & Capellão Môr del Rey, senão pouco despois de Francisco de Sà morto, porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coymbra na forma em que andam, & as tinha, & lia muitas vezes. [1614: 3v]

Actualmente conhecem-se cinco testemunhos quinhentistas da comédia d'*Os Vilhalpandos*, três manuscritos e dois impressos, com pequenas variantes entre si, que em pouco alteram o texto, e cinco testemunhos da comédia d'*Os Estrangeiros* – dois manuscritos e três impressos, com diferenças assinaláveis entre si. Tenhamos em conta que nenhum dos manuscritos é autógrafo e todos os impressos têm uma data posterior à morte do autor (1559, 1561 e 1595).

O objectivo desta dissertação é registar as diferenças entre estes testemunhos da comédia d'*Os Estrangeiros*, sistematizando as alterações verificadas, para aferir a proximidade ou o afastamento entre as versões, e tentando definir os principais processos de reescrita envolvidos. O levantamento de variantes, apesar do intuito de que seja o mais completo possível na clarificação dos principais elementos que ligam ou afastam os testemunhos, não se pretende exaustivo.

Na transcrição dos textos usaremos a edição das *Comédias* de Francisco Sá de Miranda, levada a cabo pela equipa do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dirigida por T. F. Earle e José Camões, a publicar pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda¹¹.

¹⁰ Earle, T. F., 1997, *The comedy of the Foreigners. Renaissance Sicily through Portuguese eyes*, Oxford, Clarendon Press, p. 10.

¹¹ Agradeço aos organizadores a cedência da edição, que actualmente se encontra no prelo.

A dissertação divide-se em 10 capítulos, tendo início com a descrição bibliográfica dos testemunhos, de modo a identificarmos o objecto de análise, no qual esta dissertação se alicerça.

O segundo capítulo é um resumo da comédia d'*Os Estrangeiros*; o terceiro trata das diferenças entre dois testemunhos – o Ms. AS e o Impresso de 1559; o seguinte é consagrado aos novos “arranjos” que o texto da comédia sofre de testemunho para testemunho, como por exemplo, o aproveitamento de uma frase em diferentes falas de uma mesma cena. Este fenómeno, que designámos de “redistribuição textual”, é transversal a toda a comédia e, por isso, enquadra todas as outras variantes que apresentaremos posteriormente, nos capítulos seguintes. Também dois paradigmas fundamentais da reescrita da comédia, a redução e a expansão, serão alvo de atenção no capítulo quarto, uma vez que permitem explicar e exemplificar a tendência crescente de síntese do Ms. AS para o Impresso de 1561. Além disso, a identificação de exemplos de redução e expansão permite-nos detectar casos que contrariam a regra, como uma dada fala no Impresso de 1561 mais extensa do que no Ms. AS e no Ms. H.

Nos capítulos sexto, sétimo e oitavo, analisaremos aspectos específicos da comédia, ou seja, respectivamente, a intriga, as personagens e um conjunto de referências e de expressões, umas eruditas, outras de âmbito popular. O levantamento de variantes efectuado neste âmbito tem a vantagem de propor domínios semânticos que ajudam a caracterizar os diferentes testemunhos e a relação que se estabelece entre eles. O cotejo, a este nível, revela-se proveitoso para aquilatarmos com maior profundidade o tipo de alterações envolvidas nas versões da comédia.

A questão da censura é abordada no nono capítulo, em que se apresenta um levantamento de exemplos que parecem apontar para uma intervenção pontual das instâncias censórias sobre os Impressos de 1559 e 1561.

No décimo capítulo, pretendemos analisar a proximidade ou afastamento de cada um dos manuscritos com o Impresso de 1561, dado que este é o texto com mais diferenças.

Teremos ainda oportunidade de sistematizar as principais ilações, originadas pelo levantamento criterioso de exemplos, cumprido ao longo desta dissertação.

1. Descrição bibliográfica dos testemunhos da comédia d'Os Estrangeiros.

Conhecem-se cinco testemunhos quinhentistas da comédia d'*Os Estrangeiros*: dois manuscritos e três impressos. De seguida apresentamos uma descrição bibliográfica dos testemunhos que teremos em conta, adoptando as denominações utilizadas por José Camões e Isabel Carlos [2006].

- Manuscrito A

Outrora pertencente a Eugenio Asensio, está actualmente depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Trata-se de um códice que, para além das comédias de Sá de Miranda, é também constituído por élogos, novelas e cartas de vários autores, como o seu antigo possuidor o descreveu:

Pocos meses hace, la gentileza de un amigo puso a mi disposición un nuevo Ms. en que Menina e Moça encabeza una extensa miscelânea y va escoltada por una constelación de poetas españoles y portugueses: Sá de Miranda representado por sus dos comedias, algunas élogos y cantares; Jorge Manrique, Garcilaso de la Veja, Boscán [...]. La letra del manuscrito lo fija en la primera mitad del siglo XVI, el contenido entre 1543 y 1546.¹²

A comédia d'*Os Estrangeiros* encontra-se entre os fólhos 121v e 145, com a seguinte rubrica:

Comedia de Fr.^{co} de Saa de mjranda/chamada hos estramejros.

No mesmo fólio, segue-se a apresentação das “Pessoas da comedia”. No fólio seguinte, no cabeçalho, encontram-se as iniciais f.d.s. [talvez Francisco de Sá] e uma carta dirigida ao Infante D. Henrique, com a apresentação da comédia, à qual se segue o texto dramático.

¹² ASENSIO, Eugenio, 1974, «Bernardim Ribeiro a la luz de um manuscrito nuevo», in *Estudios Portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 200.

- Manuscrito H

O manuscrito H, localizado por José Camões e Isabel Carlos, foi apresentado e descrito na *Românica*, nº 15:

há agora a acrescentar o Ms Port 13 da Houghton Library da Universidade de Harvard [...]. Aparentemente, tratava-se de um manuscrito do século XVI nunca referenciado em nenhum repertório bibliográfico ou bibliografia [...]. O códice, com encadernação em pergaminho, com algumas manchas de humidade acastanhadas, compõe-se de 604 páginas [...], em cadernos de 16 folhas [...]. Na parte superior da lombada consegue ler-se em letra bastante sumida “Manus F S”, possivelmente abreviatura de Manuscrito de Francisco de Sá [...]. O códice é inteiramente composto por obras de Sá de Miranda, contendo, no total, 54 composições.¹³

A comédia d’*Os Estrangeiros* encontra-se entre as páginas 2 e 88, a que se segue a comédia d’*Os Vilhalpandos*. No primeiro fólio do códice surge no cabeçalho a seguinte indicação:

Obras do excellent Poeta Francisco de/Saa de Miranda, dirigidas
ao Princi/pe Dom João, filho del Rey Dom Jo/ão terceiro de
Portugal.

A esta informação segue-se um soneto ao Príncipe Dom João e as comédias do autor. No início da comédia d’*Os Estrangeiros*, antes do «Prologo e argumento», encontra-se a seguinte indicação:

Comedia feita por Francisco de/Saa de Miranda

- Impresso de 1559

A primeira impressão conhecida da comédia d’*Os Estrangeiros* data de 1559. Foi executada pelo impressor João de Barreira, em Coimbra. O único exemplar conhecido localiza-se na Biblioteca da Universidade de Harvard. O exemplar é constituído por 44 fólhos. O rosto apresenta a seguinte indicação:

¹³ CAMÕES, José; CARLOS, Isabel, 2006, *Sá de Miranda a quatro mãos*, *Românica*, nº 15, Colibri, pp. 10-12.

Comedia dos/Estrangeyros. Feyta por ho/doutor Francisco de Saa/de Miranda/Impressa em Coimbra por Ioam de Barreyra.

O título encontra-se rodeado por uma cercadura, dentro da qual aparecem três figuras de personagens de comédia. A cercadura é formada por ornatos tipográficos (à esquerda), cornucópias (em cima) e vinhetas fitomórficas (à direita e em baixo).

O colófon, no fólio 44, antecedendo a errata, informa:

Foy impressa a presente obra por/Ioam da Barreyra Impressor da vni-/uersidade de Coimbra. Acabouse aos/xiiij. dias do mes de Setembro./De M. D. LIX./Com licença impressa./Com priuilegio Real.

- Impresso de 1561

A segunda impressão da comédia *d'Os Estrangeiros* data de 1561. Executou-a o impressor António de Maris, também em Coimbra. Conhecem-se exemplares desta edição em quatro bibliotecas públicas: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Biblioteca da Universidade de Harvard, Biblioteca da Universidade de Coimbra e Biblioteca de Évora. Neste trabalho, utilizaremos uma cópia do exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro devido à singularidade de apresentar alguns apontamentos manuscritos ao longo do texto dramático.

O exemplar é constituído por 43 fólios. A folha de rosto contém, do lado superior esquerdo, um ornato vegetal do tipo da folha de parra, em posição horizontal, seguindo-se a rubrica:

COME/DIA, INTITV- / LADA, OS ESTRAN-/GEIROS AO IFFANTE/Cardeal Dom Anrique./FEITA POLLO DOCTOR/Francisco de Sá de Miranda./[Ornato vegetal idêntico à anterior, em posição vertical]/Agora de nouo impressa em Coymbra, em/casa de Antonio de Maris. No Anno/de 1561./Com Priuilegio.

- Impresso de 1595

O texto da comédia, com a carta ao Infante Cardeal D. Henrique, ocupa os fólhos 163 a 187v. A folha de rosto apresenta a seguinte rubrica:

AS OBRAS/DO CELEBRADO/ LVSITANO,/O doutor Frâncisco de Sá de Mirãda./Collegidas por Manoel de Lyra./Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ie-/ronymo de Castro, &c./Impressas com licença do supremo Conselho da Santa/Geral Inquisição, & Ordinario./Anno de 1595./Com priuilegio Real por dez annos.

Há vários exemplares desta edição, nomeadamente na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na Biblioteca de Évora e na Biblioteca de Harvard.

Excluímos esta edição da presente análise, por seguir de perto o texto do Impresso de 1561.

2. Resumo da comédia d'*Os Estrangeiros*

A comédia d'*Os Estrangeiros* desenvolve-se através da disputa de uma jovem estrangeira e supostamente órfã por três pretendentes estrangeiros. A acção localiza-se em Palermo. Um dos pretendentes é um jovem valenciano, Amente; outro um soldado espanhol, Briobris; e o terceiro Petrónio, doutor pisano. Todos desejam conquistar Lucrécia. Amente encontra-se em Palermo com o seu aio Cassiano e o seu criado, Calídio. Enquanto Cassiano tenta demover Amente das suas tentativas de conquista de Lucrécia, Calídio é o seu ajudante na procura de soluções adequadas. Briobris é o típico soldado gabarola e fanfarrão, que tem a ajuda de Devorante, um “parasita” italiano. Petrónio é um velho doutor que, primeiro, é ajudado por Dório, casamenteiro, e depois por Sargenta, sua criada. De entre os três pretendentes, é Petrónio que mais se aproxima, durante a intriga, da realização de um contrato de casamento com a jovem. Com a chegada de Guido, irmão do doutor, o leitor é informado de uma jovem, a cargo de Petrónio, que se perdera com a sua fuga de Pisa. Com a vinda de Reinalte, pai da dita jovem, a intriga desenvolve-se e conclui-se com a descoberta de ser Lucrécia a jovem perdida, afilhada de Petrónio. A comédia termina com a futura realização do casamento entre Lucrécia e Amente.

3. Comparação entre o Ms. AS e o Impresso de 1559

De entre os quatro testemunhos da comédia d'*Os Estrangeiros* analisados nesta dissertação, há dois que são muito semelhantes entre si - o Ms. AS e o Impresso de 1559. O presente capítulo pretende dar conta da sua proximidade. Todavia, estas duas versões apresentam algumas diferenças entre si que, não obstante serem, na maioria das vezes, variantes mínimas, comportam, também, algumas diferenças que conduzem a leitura distintas do texto. É este conjunto de alterações que pretendemos identificar e analisar. Excluimos deste capítulo as alterações que possam sugerir uma intervenção censória, dado que esta será analisada no nono capítulo.

Tendo em conta que a grande maioria das alterações que se verificam são mínimas, escolhemos os monólogos como meio de as exemplificar, por serem mais notórias do que nos diálogos. Registamos a negro as palavras e expressões que as atestam.

(Acto I, Cena II)

Ms. AS

Cassiano: [...] E no mal dizem **grande** verdade, nunca a eles mor disseram. Aos bons costumes e exempros chamam velhices, certezas, **e** enfadamentos. A quantos erros **consigo traz** a mocidade, tudo chamam cousas do tempo, como se fossem boas manhas, nem querem consentir em nenhũa maneira que estê mal **aos mancebos**. [...] Já se eles saiem da sua terra, ali vos faço eu queixume como se namoram logo dos costumes estrangeiros, principalmente daqueles em que há a soltura **e licença** pera seus vícios, a que eles chamam liberdade. Essa me chamais vós a mim liberdade? Certo que a não chamavam ela assi os antigos. Amente cuida agora que é livre de seu pai e de mim, que por razão lhe **divera** de ser um segundo pai, e ele caiu em cativo de Calídio e de quantos lhe são necessários nestes seus amores, afora os mesmos amores de que é mais que cativo [...]. Gastámos o dinheiro, gastámos o tempo, medo hei **não** acabemos também de gastar a ele, que cada vez é pior. Trabalhei no começo com boas palavras, não aproveitei nada. Provei também as más, nem mais nem menos. Fiz como de me querer ir, tudo foi em balde. Ai, **pais**, assi acontece depois com estes **filhos** mimosos, criados na vontade. Houvera o velho este filho **já** na velhice, **e** não via mais bem dos seus olhos, todavia, **por outros que tinha**, houve de encomendar este àquela religião, que lhe não foi mais que mandar **alhá** a sua alma. Agora tenho-lhe escrito como estamos **já** na derradeira espécie, que acudisse com algum remédio. Não cuido que possa tardar seu recado. Entretanto queria vigiar este moço, que **moço** se pode inda chamar [...]. Quero-lhe dar em que entenda; que estes amores, o seu vício é ociosidade, dela nace e **nela** se criam.

Impresso de 1559

Cassiano: [...] E no mal dizem verdade, nunca a eles mor disseram. Aos bons costumes e exemplos chamam velhices, certezas, enfadamentos. E a quantos erros **traz consigo** a mocidade, tudo chamam cousas do tempo, como se fossem boas manhas, não querem consentir em nenhuma maneira que estê mal **ao mancebo** [...]. Já se eles saem da sua terra, ali vos faço eu queixume como se namoram logo dos costumes estrangeiros, principalmente daqueles em que a **soltura é lícita** pera seus vícios, a que eles chamam liberdade. Essa me chamais vós a mim liberdade? Certo que a nam chamavam ela assi os antigos. Amente cuida agora que é livre de seu pai e de mim, que por razão lhe **houvera** de ser **outro** segundo pai, e ele caiu em cativo de Calídio e de quantos lhe são necessários nestes seus amores, afora os mesmos amores de que é mais que cativo [...]. Gastámos o dinheiro, gastámos o tempo, medo hei **que** acabemos também de gastar a ele, que cada vez é pior. Trabalhei no começo com boas palavras, não aproveitei nada. Provei também com as más, nem mais nem menos. Fiz como de me querer ir, tudo foi em balde. Ai, **pois** assi acontece com estes mimosos, criados na vontade. Houvera o velho este filho na velhice, nam via mais bem dos seus olhos, todavia, **porque tinha outros**, houve de encomendar este àquela religião, que lhe nam foi mais que mandar **cá** sua alma. Agora tenho-lhe **já** escrito como estamos na derradeira espécie, que acudisse com algum remédio. Não cuido que possa tardar seu recado. Entretanto queria vigiar este moço, que **assi** se pode inda chamar [...]. Quero-lhe dar em que entenda; que estes amores, o seu vício é ouciosidade, dela nace e **dela** se criam.

Notamos que há eliminação de algumas palavras, como «grande» e «filhos», mudanças na disposição do texto, como em «consigo traz», no Ms. AS, e «traz consigo», no Impresso, e reescrita vocabular, evidente ao longo do monólogo, como no verbo «houvera», no Ms. AS, e «divera», no Impresso. Podemos também indicar que algumas alterações talvez derivem de lapso ou má leitura na composição do tipógrafo, como em «pais» e «pois», ou ainda de uma tendência para eliminar repetições, como na substituição final de «moço» por «assi».

Vejamos outro exemplo.

(Acto I, Cena IV)

Ms. AS

Oh, ricos, com **que** trabalho ajuntais e quão mal sabeis pera quem! Não fora melhor **deitar essa riqueza ao** mar, como fez o outro filósofo vão? Quant'a eu não sei cousa pera fazer dar mais voltas na **cova** que lograr-me outrem a minha mulher **c'o** meu. A longe vá o mau agouro das más palavras. Vedes Lucrécia por fermosa e, por virtuosa que seja, melhor há d'achar com quem case depois de veúva rica que agora, ao menos esta obra de **misericórdia faça o** doutor. A graça é que vendo cada dia mil exemplos destes não aproveita nada e cada um cuida que achou melhor acerto. Mas mete-me ora o demo **c'os** feitos alheos. Prouvesse a Deos que fosse como estotra diz, o doutor entraria em cuidado e eu pola ventura sairia dele. Deixai a cada um fazer suas contas e cuidar que **acertou**. Assi entrou o mundo e assi há de sair. Todos somos bem regidos na boca alhea, tal era agora a velha com a moça que lá vão. A falar, grandes filósofos, ao obrar, **ali me** perdoai.

Impresso de 1559

Oh, ricos, com **quanto** trabalho ajuntais e quam mal sabeis pera quem! Não fora melhor **lançar essas riquezas no** mar, como fez o outro filósofo vão? Quant'a eu nam sei cousa pera fazer dar mais volta na **cama** que lograr-me outrem minha molher e o meu. A longe vá o mau agouro das más palavras. Vedes Lucrécia por fermosa, por virtuosa que seja, melhor há de achar com quem case depois de viúva rica que agora, ao menos esta obra **de mi a fará o** doutor. A graça é que vendo cada dia mil exemplos destes não aproveita nada e cada um cuida que achou melhor acerto. Mas mete-me ora o demo com feitos alheos. Prouvesse a Deos que fosse como estoutra diz, o doutor entraria em cuidado e eu porventura [16] sairia dele. Deixai a cada um fazer suas contas e cuidar que **acerta**. Assi entrou o mundo e assi há de sair. Todos somos bem regidos na boca alhea, tal era agora a velha com a moça que lá vão. A falar, grandes filósofos, ao obrar, **aí** perdoai.

Este novo exemplo mostra, novamente, variantes mínimas nos textos, mas que parecem, no Impresso de 1559, provirem de uma tentativa de correcção linguística ou, pelo menos, de uma maior adequação da escolha das palavras ao contexto, como sucede em «que», substituído por «quando», «deitar essa riqueza» por «lançar essas riquezas» e «ali me perdoai» por «aí perdoai». Por outro lado, há alterações específicas que parecem denotar uma acção mais evidente, devida possivelmente a uma má leitura, como em «cova» por «cama» e «misericórdia faça o doutor» por «mi a fará o doutor».

No que respeita a correcção linguística ou de contextualização, encontramos vários exemplos que parecem justificar esta hipótese, de entre os quais apresentamos o seguinte:

(Acto II, Cena I)

Ms. AS

Briobris: Pois se me viras no campo, lá te digo que sam **conhecidos os** homens, todos se vinham pera mim, andava mais acompanhado que o capitão.

Impresso de 1559

Briobris: Pois se me viras no campo, lá te digo que sam **conhecido dos** homens, todos se vinham pera mim, andava mais acompanhado que o capitão

Este último exemplo corrobora a hipótese de o texto do Impresso de 1559 corrigir o texto do Ms. AS. No entanto, se esta alteração foi feita pelo autor ou se é fruto de intervenções, voluntárias ou involuntárias, do tipógrafo permanece sem resposta.

É neste último fenómeno que nos centraremos agora, através do texto que desaparece no Impresso e que é necessário à compreensão do texto, como José Camões e Isabel Carlos já haviam indicado:

A eventual distracção do tipógrafo parece ter em partes mutilado o texto, tornando-o pouco legível e abrupto. A cena V do Acto III ilustra bem essa falha. Toda uma fala de Guido ficou por imprimir, bem como a locução adverbial *a tempo*, necessária à semântica, para além de precipitar o encontro entre os irmãos, suprimindo o tempo e a expressão do contentamento de um reencontro após longa ausência. [2006: 25].

(Acto III, Cena V)

Ms. AS

Guido: Quando poderei eu servir tantas mercês a Deos, que tantas vezes me tem livrado do mar e dos imigos?

Petrónio: Se fosse este meu irmão Guido, que me dá o ar dele, como me viria **a tempo**!

Guido: Navegámos por este mar estreito. Dũa parte há imigos mortais e da outra há imigos da fé polo qual são tantos os perigos que se vieram já a ter em pouco os das tromentas.

Petrónio: Sem dúvida este é, o grande desejo me não deixa acabar de conhecer. Oh, meu bom irmão, boa seja a tua vinda. És tu este? Tenho-te e não o acabo de crer! Como vens?

Guido: Meu pai e meu irmão, pois te acho não posso vir senão bem.

Impresso de 1559

Guido: Quando poderei eu servir tantas mercês a Deos, que me tem livrado por tantas vezes do mar e dos imigos?

Petrónio: Se fosse este meu irmão Guido, que me dá o ar dele, como me veria. Sem dúvida que este é, o grande desejo mo não deixava conhecer. Como vens?

Guido: Oh, meu pai e meu irmão, pois te acho não posso vir senam bem.

Mas este lapso não é o único que o texto do Impresso parece conter, como o próximo exemplo atesta:

(Acto I, Cena V)

Ms. AS

Dório: A mim, Cassiano, chamam-me Dório, nam sei se me conheces, mas são assaz conhecido nesta cidade onde vivo, muitos anos há, em paz e bom amor com todos, usando filicissimamente de meu ofício **de casamenteiro**.

Cassiano: Não pode ser maior prova de tua vertude, porque pera **tão** santa cousa, como é o casamento, não se deve escolher pessoa que não seja muito experimentada de sua bondade.

Impresso de 1559

Dorio: A mim, Cassiano, chamam-me Dório, nam sei se me conheces, mas sam assaz conhecido nesta cidade, onde vivo, muitos anos há, em paz e bom amor com todos, usando fidelissimamente de meu ofício.

Cassiano: Não pode ser maior prova de tua virtude, porque pera tam santa cousa, como é o casamento, nam se deve de escolher pessoa que nam seja muito experimentada de sua bondade.

Tal como sucede com o exemplo anterior, nesta fala de Dório também estamos perante uma possível distração do tipógrafo, que, na composição do texto, terá excluído a referência ao ofício da personagem, explicitado na fala seguinte de Cassiano. Pode, no entanto, tratar-se de um simples eliminação de redundância.

A par com estes lapsos, José Camões e Isabel Carlos indicam, também, «defeitos de leitura dos impressores ou compositores, ausentes no Ms. AS» [2006: 25], nomeadamente uma fala de Devorante localizada na terceira cena do terceiro acto:

Ms. AS

Enfim, sofedores vencem. Ainda que já era tarde jentei como um rei, nosso amigo Biobris tinha bebido a minha genebra, começou **a contar suas proezas: minou torres, dirrobou pontes**, escalou muros, matou, cativou. Eu, entretanto, por não estar ocioso, saqueava a mesa. E, depois d'eu farto, fartei-o também de novas aprazíveis. Agora torno a fazer mais deligências, ele fica em seus passatempos.

Impresso de 1559

Enfim, sofedores vencem tudo. Ainda que já era tarde jantei como um rei, nosso amigo Briobris tinha bebido, já ele vertia e começou **de contar suas perlongas minotauras: derribou pontes**, escalou muros, matou, cativou. E eu, entretanto, por nam estar ocioso, saqueava-lhe a mesa. Eu farto, fartei-o também de novas aprazíveis. Agora torno a fazer mais diligência, ele fica em seus passatempos.

Neste exemplo, a superioridade do texto do Ms. AS é explicada pelos mesmos autores: «Para além de a leitura apresentada por Ms. AS ser mais conforme à sintaxe e à semântica da enumeração, a sua bondade pode, neste caso, ser corroborada pelo Ms H» [2006: 26], que apresenta um texto semelhante ao do Ms. AS.

Mas não é caso único. Vejamos outros exemplos suficientes para mostrar que, de facto, há uma concordância entre o texto do Ms. AS e o texto do Ms. H em relação ao texto ausente do Impresso de 1559, não só corroborando a hipótese de uma má leitura,

mas também apontando para alterações, resultantes de outros tipos de intervenção, de índole diversa (censória, estilística, etc.).

1) (Acto II, Cena I)

Ms. AS

Devorante: E eu a ti, que hei de ir com a língua fora **de cansaço**, de fome e de sede.

Ms. H

Devorante: E a ti também te lembre que hei de ir com a língua fora **de cansaço**, de fome e de sede.

Impresso de 1559

Devorante: E eu a ti, que hei de ir com a língua fora de fome e de sede.

2) (Acto II, Cena II)

Ms. AS

Devorante: [...] É amado e temido como Deos. **Um Rolão nas armas, pera as damas um Narciso.**

Ms H

Devorante: [...] É amado, é temido como Deos. **Um Roldão nas armas, pera as damas um Narciso.**

Impresso de 1559

Devorante: [...] É amado e temido juntamente como um rei.

3) (Acto III, Cena III)

Ms. AS

Devorante: **Si, aousadas.** E sendo tu esse, também ela pode dizer: achei homem segundo o meu coração, que são, como melhor sabes, as próprias palavras do texto.

Ms H

Devorante: **Aousadas.** E dela te digo que poderá bem dizer sem mudar nada: achei homem segundo meu coração.

Impresso de 1559

Devorante: E sendo tu esse, ela poderá também dizer «achei homem segundo meu coração», que são, como melhor sabes, as próprias palavras do texto.

Não obstante a maioria das diferenças se situe nos níveis mencionados, nomeadamente gramaticais, também encontramos substituições textuais que parecem denotar reescrita por parte de algum interveniente, como os próximos exemplos atestam:

1) (Acto III, Cena IV)

Ms. AS

Petrónio: [...] **Logo em dous dias, fui estimado e conhecido, depois c'o tempo e c'o saber som vindo a este estado assi d'autoridade como de fazenda** que não hei enveja a nenhum meu igual.

Impresso de 1559

Petrónio: [...] **E louvores a nosso senhor**, não hei enveja a nenhum meu igual.

2) (Acto III, Cena IV)

Ms. AS

Petrónio: [...] Os teólogos jazem metidos por esses mosteiros mantidos às esmolos.

Impresso de 1559

Petrónio: [...] Os teólogos, **que é o melhor**, jazem metidos por esses mosteiros mantidos de esmolos.

3) (Acto IV, Cena II)

Ms. AS

Cassiano: S'isto não é vinho...

Impresso de 1559

Cassiano: Se isto nam é vinho, **que me matem**.

No primeiro exemplo, o texto do Impresso elimina a referência à acção da personagem que adquiriu determinado «estado d'autoridade como de fazenda», que apresenta em alternativa um lugar-comum de agradecimento. Nos outros exemplos o Impresso apresenta novo texto, que acentua a mensagem das falas.

Todavia, são raras estas diferenças, o que não constitui indícios suficientes para a hipótese de uma versão intermédia entre o Ms. AS e o Impresso de 1559. Para além destas diferenças, é necessário apontar que o Impresso de 1559, antes do prólogo da comédia, contém um «Argumento» que não consta de nenhum dos outros testemunhos:

Impresso de 1559

Argumento.

Amente, mancebo valenciano, indo pera Rodes aportou em Palermo, namorou-se de Lucrécia com quem Briobris, soldado, e Petrónio, doutor, andavam também d'amores. Estando a cousa concertada com o doutor, sobreveio o pai do mancebo, e o pai da moça conhece-a por filha, porque cria que a tinha perdida. Desfaz-se o concerto por certa causa, dão-na a Amente e outra ao doutor.

Devemos, todavia, referir que, embora o argumento do Impresso de 1559 seja texto que não consta do Ms. AS (nem de nenhuma das outras versões), este pode ser da responsabilidade do impressor, ou de alguém ligado à impressão e composição tipográfica, e não ser exercício de (re)escrita de Sá de Miranda.

Tendo em conta que muitas alterações entre estes testemunhos são gramaticais e não influenciam o sentido do texto, optámos por usar o Ms. AS como modelo de ambos os textos, nos próximos capítulos, registando, em nota de rodapé, as variantes pertinentes que o Impresso apresentar.

4. Redistribuição textual em Os Estrangeiros

Constata-se, com frequência, que muito do texto comum entre versões surge em diferentes momentos de uma mesma cena. O texto é aproveitado e recontextualizado: pode surgir com ou sem outras falas pelo meio; uma determinada frase é aproveitada em diferentes falas de uma mesma cena consoante os testemunhos; e regista-se deslocação de constituintes ou mesmo de frases de uma mesma fala. Este fenómeno é transversal a todo o texto da comédia e abrange todas as versões, enquadrando todos os outros tipos de variantes perceptíveis no cotejo dos testemunhos.

Nos exemplos são assinalados com cores os fragmentos de texto comuns aos diversos testemunhos: só será usada uma cor no caso em que o texto é partilhado por todos (vermelho); usaremos cores diferentes para os casos em que num mesmo exemplo queremos sinalizar fragmentos de texto comuns a partes diferentes de testemunhos (violeta = MS. AS + MS. H; .laranja = MS. AS + Impresso de 1561; verde = MS. H + Impresso de 1561), realçando (**bold**) a diferente localização, quando necessário.

a) Ausência ou presença de falas intercalares:

1) (Acto II, Cena I)

Ms. AS¹⁴

Devorante: Que graça pedir Briobris conselho nem ajuda a outrem. **Bem mostram nisto os amores seu poder.**

Briobris: Falas bem, que certo mal o pudera eu cuidar antes d'agora.

Devorante: Nestes casos, como dizem os sabedores, não valem as forças de Sansão nem o saber de Salamão.

Briobris: Nao vês isso?

Devorante: **E de Hércules já ouvirias de como o fez fiar ãa molher moça e dar-lhe conta de suas maçarocas.**

¹⁴ **Impresso de 1559**

Devorante: Que graça pedir Briobris **a outrem conselho nem ajuda**. Bem mostram **nisso** os amores seu poder.

Briobris: Falas bem, que certo mal o pudera eu cuidar antes d'agora.

Devorante: **Nestas cousas**, como dizem os sabedores, não valem as forças de Sansão nem o saber de Salamão

Briobris: Nam vês isso?

Devorante: E de Hércules já ouvirias de como o fez fiar ãa **moça** e dar-lhe conta de suas maçarocas.

Ms. H

Devorante: **Nisto se vê o grande poder do amor**, que te faz a ninguém tam mansamente pedir conselho e ajuda.

Briboris: Falas bem, que certo antes d'agora mal o pudera eu cuidar.

Devorante: Nem do conselho também. Mas neste caso, como dizem os sabedores, nem valem as forças de Sansão nem o saber de Salamão.

Briboris: Não vês isso?

Devorante: **E de Hércules, bem sabes que ãa molher o fez debar e fiar e dar-lhe conta das suas maçarocas.**

Impresso de 1561

Devorante: **São obras do amor, que já fez a Hércules, conquistador do mundo, fiar e debar.**

2) (Acto IV, Cena VI)

Ms. AS¹⁵

Galbano: Onde é a pousada, se me quiserdes agasalhar, **que venho cansado?**

Calídio: Senhor, esta é. **Oulá, abri aqui, abri prestesmente.**

Galbano: A vós outros digo, se este roim duvidar a entrada da porta, avisai-vos que mo metais dentro por força, não me deis depois desculpas.

Vidual: Ah, senhor...

Galbano: Não me digais nada.

Calídio: Abri bem a porta. Senhor, esta é a pousada.

Galbano: Vai diante, mostrar-nos-ás o caminho.

Calídio: **Não há mais que mostrar, vou-me em busca d'Amente.**

Galbano: Logo irás, agasalha primeiro os hóspedes.

Calídio: Não tenho com quê.

Galbano: **Co a boa vontade.**

Calídio: Oulá, isso que quer dizer? Quereis provar forças comigo? Olhai que chamarei pola justiça. Cuidais que estamos em Valença?

¹⁵ **Impresso de 1559**

Calídio: Senhor, **nesta** é. Oulá, abri aqui, abri prestesmente.

Galbano: A vós outros digo, se este roim duvidar a entrada da porta, avisai-vos que mo metais dentro por força, nam me deis depois desculpas.

Vidual: Ah, senhor...

Galbano: Nam me digas nada. **Vai diante, mostrar-nos-ás a pousada.**

Calídio: Nam há mais que mostrar, vou-me em busca d'Amente.

Galbano: Logo irás, agasalha primeiro os hóspedes.

Calídio: Nam tenho com quê.

Galbano: Com a **vontade.**

Calídio: Oulá, que quer isso dizer? Quereis provar forças comigo? Olhai que chamarei pola justiça. Cuidais que estamos em Valença?

Ms H

Galbano: Todos o fizestes bem, mas quero-me ora calar. E onde é a pousada?

Calídio: Aqui junto.

Galbano: Faze-me abrir, **que venho cansado**, queria repousar.

Calídio: Bem está. Repousar quer. **Oulá, abri aqui, abri prestes.**

Galbano: A vós outros digo, se este roim revelar a entrada da porta, metê-mo dentro por força, levai-o sempre diante de vós, não deis dispois nenhuma desculpa.

Vidal: Ah, senhor...

Galbano: Não me digais nada, que eu sei o que faço.

Calídio: Esta é a pousada.

Galbano: Vai diante mostrar-nos o caminho.

Calídio: **Não é mais que mostrar, quero ir em busca de Amente.** Oulá, isso que quer dizer? Quereis provar forças comigo? Olhai que chamarei pela justiça. Cuidais que estamos em Valença?

Impresso de 1561

Galbano: Guia pera a pousada, **que venho cansado**, queria repousar.

Calídio: Aqui é. **Oulá, abri.** Esta gente não ouve? Abri, digo.

Galbano: Enquanto este fala c'os de casa, falo eu com vós outros. Trazei-me este raposo diante de vós, e, se revelar, entre por força.

Vidal: Ah, senhor...

Galbano: Cala-te. Boa parece a casa, e em bom lugar.

Calídio: **Dizem-me que não são cá Amente nem Cassiano, vou-me em sua busca.**

Galbano: **Agasalha os hóspedes primeiro.**

Calídio: **Não tenho com quê.**

Galbano: **Co a boa vontade.**

Calídio: Oulá, que quer isso dizer? Quereis provar forças comigo? Olhai que chamarei por justiça: oh, oh!

b) Aproveitamento de uma frase em diferentes falas:

1) (Acto V, Cena IV)

Ms. AS¹⁶

Galbano: **Comer e beber e jogar e frasquear** à custa de barba longa. **Ora me deixai, que eu vos farei amargar os bocados que vos tam bem souberam.**

Devorante: Nam se poderá neste mundo falar mais craro, com que negro convidador fui topar

Galbano: Folgastes entam a vosso prazer, agora mo pagareis a vosso pesar.

Devorante: Arrenego de ti e da tua Valença, se me agora hás de pedir conta do que comi há tanto tempo. Tam tarde se escota lá, ou como?

¹⁶ **Impresso de 1559**

Galbano: Comer e beber e jogar e frasquear à custa de barba longa. Ora me deixai, que eu vos farei amargar os bocados que vos tam bem souberam.

Devorante: Nam se **pudera** neste mundo falar mais craro, com que negro convidador fui topar.

Galbano: Folgastes entam a vosso prazer, agora mo pagareis a vosso pesar.

Devorante: Arrenego de ti e da tua Valença, se me agora hás de pedir conta do que comi há tanto tempo. Tam tarde se escota lá, ou como?

Ms. H

Galbano: Comer, beber, jogar, jarrear.

Devorante: Já eu lá vou na conta. Com que negro convidador topei.

Galbano: Mas eu vos farei a todos amargar os bons bocados de Palermo.

Devorante: Não pudera neste mundo falar mais claro, cumpre-me de me acolher.

Impresso de 1561

Galbano: Comer, beber, jogar, franquear.

Devorante: Que mais claro quereis que um homem fale? Com que negros convidados vou topar hoje? Quero-me acolher com minha honra, se puder.

2) (Acto II, Cena VI)

Ms. AS¹⁷

Devorante: Entam deixai a frades falar de papo e dizer que nam há i dias aziagos nem horas minguardas, tenho-me com a experiência.

Calídio: Este é o bom e nobre de Devorante, mau rosto traz.

D: Bem parvo está o homem que deixa o que vê polo que lhe dizem. Que horas estas pera eu estar ainda sem jentar!

C: Forte ponto pera Devorante.

Ms H

D: Digam frades o que quiserem, que i há dias aziagos. Que horas estas pera estar inda sem jentar.

C: Cá vem o bom e nobre Devorante, mau rosto traz.

Impresso de 1561

D: Então, deixai vós frades bradar do púlpito e bracejar que não há i dias aziagos.

C: Mau rosto traz, será com fome?

D: Ditosos homens que se lhes crê quanto dizem.

C: Anda magoado de lhe já ninguém crer cousa nenhũa.

D: Que horas estas pera andar inda em jejum, inda que fora dia de jejum.

c) Deslocação de constituintes ou de frases no interior de uma fala:

¹⁷ **Impresso de 1559**

Devorante: Entam deixai frades falar de papo e dizer que nam há dias aziagos nem horas minguardas, tenho-me eu com a experiência.

Calídio: Este é o bom e nobre de Devorante, mau rosto traz.

Devorante: Bem parvo é o homem que deixa o que vê polo que lhe dizem. Que horas estas pera eu estar ainda sem jantar!

Calídio: Forte ponto pera Devorante.

1) (Acto V, Cena III)

Ms. AS¹⁸

Devorante: E da cea não disse nada. Não fez Deos outro remédio pera este tais como tocar-lhes em dous réis de custo, logo atalhais as práticas. Isto é segredo d'esgrima, quando me vejo em algũa afronta, faço ãa ponta à bolsa, ali vereis logo fugir muito mais que se lhe tirasse às meninas dos olhos. Não vistes o preguntador? Donde me aqui saía de través, quanto tento há mister pera viver neste mundo; que sei eu agora quem este é e o que lhe nisto vai. ãa por ãa, muitas cousas queria saber de mim e, se lhe eu dera a trela, quisera saber muitas mais. Porém, Devorante há já mais dum par de dias que naceu e lançou-lhe o bastão no meio. Enfim, bom soldado, mau soldado, não se me acho eu outro. E quereis que vos diga? I não há ouro sem fezes, nem pode ser tudo como homem queria. Se me às vezes enfada e é moucarrão às minhas custas, eu também som gargantão às suas. Todo homem há de dizer: oh, que prazer é nam fazer conta co a hóspera no cabo da mesa. Ora cá vem outro do mesmo trato, vejamos se é tão seco de pontos como o que lá vai. Eu vos direi, o meu cabedal todo é em palavras. Isso aventuro.

Ms. H

Devorante: Não vedes o preguntador donde me ora saía de través? Quanto tento é necessário pera viver neste mundo; que sei eu agora quem aquele é e o que lhe vai nestas cousas. ãa por ãa muitas inquiria. E, porém, parece-me que achou forma de seu pé. Não há melhor remédio pera estes que tocar-lhe em dous reais de custa, logo atalhais as práticas. Que bom ponto d'esgrima, como me vejo em perigo, faço ãa ponta à bolsa, muito mais fogem que se lhes tirassem à cabeça. Enfim, mau soldado, bom soldado, não se me acho outro, não há i ouro sem fez. Se me enfada com as suas mentiras, como e bebo às suas custas. Oh, que prazer é chegar à mesa posta sem perguntar como val o pão na praça nem a carne no açougue. Cá vem outro do mesmo trato, vejamos se é tam seco de pontos. Mas o meu cabedal todo é em palavras, isso aventuro.

Impresso de 1561

Devorante: Vistes o grande preguntador donde me agora saía de través? Que sei

¹⁸ **Impresso de 1559**

Devorante: E da cea nam disse nada. Nam fez Deos outro remédio pera este tais como tocar-lhes em dous réis de custo, logo atalhais a práticas. Isto é segredo d'esgrima, quando me vejo em algũa afronta, faço ãa ponta à bolsa, ali vereis vós fugir muito mais que se lhe tirasse às meninas dos olhos. Nam vistes que preguntador? Donde me aqui saía de través, **quanto se** há mister pera viver neste mundo; que sei eu agora quem este é e o que lhe **nisso** vai. ãa por ãa, muitas cousas queria saber de mim e, se lhe eu dera trela, quisera saber muitas mais. Porém, Devorante há já mais de um par de dias que naceu e lançou-lhe o bastão no meio. Enfim, bom soldado, mau soldado, nam se me acho outro. E quereis que vos diga? I nam há **já** ouro sem fezes, nem pode ser tudo como homem **quer**. Se me às vezes enfada e é moucarrão às minhas custas, eu também sou gargantão às suas. Todo homem há de **saber que** prazer é nam fazer conta com a hóspera **ao** cabo da mesa. **Cá** vem outro do mesmo trato, vejamos se é tam seco de pontos como o que **lá vai**. **Isso aventuro**.

eu quem este é, nem que por aqui andará espreitando. Ûa por ùa, muitas cousas queria saber de mi. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se é outro tal. Mas eu vos direi, o meu cabedal tudo é palavras, isso aventuro.

2) (Acto III, Cena I)

Ms. AS¹⁹

[...] **O bom jogador ãmenda o mau lanço c'o saber. Assi façamos nós ao mau lanço da fortuna, ãmendê-mo-lo co a prudência. Fez-me ela estrangeiro a estes, eu me lhe farei natural co as boas obras, co a diligência e co a mansidão, vir sapiens dominabitur astris. E também de dereito já aqui tenho meu domicílio, e mais agora assentando a vontade e despidindo de todo aquele *animo rediundi* [...].** Como digo, tudo se muda c'o tempo e as vontades também. Muitas contas que dantes tinha por bem feitas risquei-as e tornei a fazer outras de novo: o casamento, a que tantas vezes chamei cativoiro acostumado, dei volta, tornou-me a parecer o que é, cousa santa e necessária; os filhos, de que cada hora ria como a natureza enganava co eles os pais, dando-lhes a entender que os seus sós eram os graciosos, acho agora que na verdade são todo o sabor da vida e da fazenda.

Ms. H

[...] mil contas que dantes havia por bem feitas risquei-as e tornei a fazer outras de novo: o casamento, a que mil vezes chamei cativoiro acostumado, dei a volta, e tornou-me a parecer cousa santa e necessária; aos filhos, de que tanto ria como a natureza enganava com eles os pais, acho agora são todo o saber da vida e da fazenda. *Nulla amor qui vincat paternum.* Tudo se muda com o tempo e as vontades também [...]. **O bom jogador ãmenda o mau lanço da sorte com o saber, assi façamos nós o mau lanço da fortuna ãmendá-lo com a prudência. Fez-me ela estrangeiro a estes, eu me lhes farei natural, o que assi mesmo é de dereito, já aqui tenho meu domicílio, e mais agora assentando a vontade e despidindo de todo aquele *animo redeundi*.**

¹⁹ **Impresso de 1559**

Petrônio: O bom jogador ãmenda o mau lanço com o saber. Assi façamos nós ao mau lanço da fortuna, ãmendá-lo **com** prudência. Fez-me ela estrangeiro a estes, eu me **lhes** farei natural com as boas obras, com a diligência e com a mansidão, *unde illud vir sapiens dominabitur astris*. E também de dereito aqui tenho meu domicílio, e mais agora assentando a vontade e despedindo de todo aquele *animo redeundi* [...]. Como digo, tudo se muda com o tempo, e as **novidades** também. Muitas contas que dantes tinha por bem feitas risquei-as e tornei a fazer outras de novo: o casamento, **que** tantas vezes chamei cativoiro acostumado, dei volta, tornou-me a parecer o que é, cousa santa e necessária; os filhos, de que cada dia ria como a natureza enganava com eles **seus** pais, dando-lhes a entender que os seus sós eram os graciosos, acho agora que na verdade são todo o **saber** da vida e da fazenda.

Impresso de 1561

[...]. **O bom jogador emenda o lanço mau quanto pode c'o saber, por que não farei o mesmo? Fez-me o mau lanço estrangeiro a estes, eu me lhe farei natural co as boas obras, co a mansidão e c'o saber [...].** Quantas contas tenho nesta vida feitas que me agora cumpre de riscar. O casamento, a que tantas vezes chamei cativo acostumado, torno agora a ver que é cousa santíssima e necessária. Os filhos, de que tantas vezes ri c'os mesmos pais de como não sabem falar salvo nas suas graças, dei de novo volta e acho que são todo o gosto da vida e da fazenda.

Os exemplos acima apresentados também dão conta de outra vertente da reescrita, de versão para versão, que é a tendência crescente de síntese do Ms. AS para o Impresso de 1561. Na verdade, as falas são, na maior parte das vezes, menos longas do Ms. AS para o Ms. H e mais breves ainda do Ms. H para o Impresso de 1561, com algumas exceções, como ilustrado em a2 e b2, nos quais a estrutura do Impresso de 1561 se aproxima mais da do Ms. AS. É sem surpresa que o Ms. AS é o testemunho mais extenso e o Impresso de 1561 o menos. Esta tendência reducionista, como teremos oportunidade de constatar, é geral, estando subjacente a um grande número de alterações, nomeadamente no Impresso de 1561.

Embora não encontremos, na redistribuição textual, um padrão recorrente, constatamos, principalmente a partir dos monólogos, que o texto do Ms. H tende para uma organização em que apresenta, primeiro, as informações mais imediatas para as personagens ou para a intriga, seguindo-se as indicações mais indirectas, como os dois últimos exemplos atestam. Nos outros testemunhos não verificamos esta coerência, pois a disposição textual é variável.

5. Redução e expansão: processos de rescrita

Há a considerar dois processos essenciais na reescrita da comédia: a redução e expansão textual. Todavia, tendo em conta que não sabemos com certeza a cronologia das versões, é necessário fazer a seguinte ressalva: por redução e expansão entendemos apenas o texto ausente e presente numa comparação entre os testemunhos. Entendidos enquanto tal, estes processos são transversais a toda a comédia e são pertinentes na análise comparativa das versões em diferentes capítulos, cenas e falas. Mantendo o mesmo código cromático do capítulo anterior, apresentamos alguns exemplos relevantes a este nível:

1) (Acto V, Cena IV)

Ms. AS

Galbano: **Aquele me parece Cassiano**, também o deves de conhecer.

Ms. H

Galbano: **Aquele que lá vem me parece Cassiano**.

Impresso de 1561

Galbano: **É aquele Cassiano?**

Quanto ao primeiro exemplo, verificamos que o Ms. AS apresenta a versão mais expandida, seguindo-se o Ms. H e o Impresso de 1561. No segundo testemunho há um aproveitamento de uma parte considerável do texto do Ms. AS; no Impresso de 1561 o texto inicial de nove palavras vê-se reduzido a três. Esta fala de Galbano insere-se num diálogo com Devorante, único contacto que há entre as duas personagens ao longo da comédia, e trata, essencialmente, de Galbano mostrar que pretende vingar-se de outras personagens que tinham consumido os seus bens através da exploração de Amente, seu filho, que, estando apaixonado, teria sido facilmente enganado por outros.

Neste exemplo, o processo de redução evidencia-se: o Ms. AS apresenta a maior frase, seguindo-se o Ms. H e o Impresso de 1561. Deste modo, do primeiro para o segundo manuscrito, desaparece a afirmação de Galbano direccionada a Devorante que, mediante o contexto da cena, embora não seja essencial, funciona como um elemento afirmativo da culpabilidade da personagem. No Ms. H, a frase mantém apenas a

mensagem mais importante – o aparecimento de Cassiano, aio de Amente e criado de Galbano, que vem findar a cena. Mas explicita, em relação ao Ms. AS, a aproximação de Cassiano - «que lá vem» -, ao passo que a presença da personagem, na outra versão, subentende-se apenas como estando visível para Galbano, mas não necessariamente num movimento de aproximação. A eliminação de acções de personagens, como veremos no sétimo capítulo (cf. Cap. 7 - Personagens), é recorrente, especialmente no Impresso de 1561, como este exemplo também demonstra: a mensagem presente na fala de Galbano, conquanto se assemelhe ao Ms. H pela ausência da afirmação direccionada a Devorante, retoma, por outro lado, a descrição mais vaga da presença de Cassiano.

A tendência reducionista também é notória noutros exemplos:

2) (Acto III, Cena III)

Ms. AS²⁰

Devorante: **Nam haja mais no mundo homem tam esmiolado que se muito mate por cousa que veja.** Após tormenta vem bonança; nam está sempre o diabo a ùa porta, mas crede que nos apressamos muito.

Ms. H

Devorante: **Não haja mais no mundo homem tam simpres que se muito agaste por cousa que veja,** após a tormenta vem a bonança. Não está sempre o diabo trás ùa porta.

Impresso de 1561

Devorante: Não haja i mais tal parvoíce, **nem se enforque ninguém por paixão que lhe venha.**

Este segundo exemplo diz respeito a uma fala de Devorante que, do Ms. AS para o Impresso de 1561, se torna cada vez mais sintética. Neste caso, como em muitos outros, a síntese é acompanhada por paráfrase, que se faz notar sobremaneira no Impresso. A fala da personagem insere-se no início de um diálogo com Calídio, que terá a função de satirizar Devorante e de o desafiar para um «duelo» de trovas (no final da cena). Se no Ms. AS o desabafo de Devorante é longo, indicando como o homem não se deve afligir por qualquer obstáculo que lhe surja, uma vez que de uma situação má se passa a uma boa, assinalando, contudo, que aquela aflição é uma condição constante, no

²⁰ **Impresso de 1559**

Devorante: Nam haja mais no mundo homem tam esmiolado que **se mate** por cousa que veja. Após tormenta vem bonança; nam está sempre o diabo a ùa porta, mas crede que nos apressamos muito.

Ms. H desaparece esta última mensagem. Por outro lado, há uma correcção do segundo aforismo - «Não está sempre o diabo trás ãa porta».

Mais evidente é a redução no Impresso de 1561, a par com a paráfrase: elimina, em paralelo com o Ms. H, a última referência do Ms. AS, mas também as expressões proverbiais, que funcionavam como realce da mensagem, mantendo apenas o texto essencial, reformulando, todavia, a frase das outras versões, aplicando termos com uma conotação mais forte, como «enforque» e «paixão».

3) (Acto V, Cena VII)

Ms. AS²¹

Calídio: Porque te apanhou o vento a lenha, como dizem as velhas. E trouxe também hoje um irmão do doutor de sobre mar, que aproveitou muito. **Ambrósia, assi mesmo como te disse, era aí, a verdade logo tem pés e mãos e logo vai avante.** Cada coisa respondia a outra e todas vieram em seu lugar que não sobejava nada nem mingua.

Ms. H

Calídio: **Ajudou a isso a velha Ambrósia muito, que se aí achou.** E mais bem sabes tu que não põe Deos tempo em mudar vento.

Impresso de 1561

Calídio: **A verdade logo vai por diante e foi grande ajuda a velha que hoje achei com Alda.**

Neste último exemplo, a fala de Calídio, parte de um diálogo com Amente sobre o casamento que não foi realizado entre Petrónio e Lucrécia, a redução é muito visível. Se no Ms. AS, a personagem informa sobre alguns elementos pertinentes para a resolução final da intriga – o aparecimento de Guido e o conhecimento de Ambrósia sobre Lucrécia -, acompanhados por uma expressão proverbial inicial, caracterizadora da vantagem actual de Amente, o Ms. H partilha apenas a relevância de Ambrósia, sem explicitar, como no Ms. AS, a acção da personagem, finalizando com outra expressão proverbial, com mensagem semelhante à do outro manuscrito.

²¹ **Impresso de 1559**

Calídio: Porque te apanhou o vento a lenha, como dizem as velhas. E trouxe também **outro** irmão do doutor de sobre mar, que aproveitou muito. Ambrósia, **como te digo**, era aí, a verdade logo tem pés e mãos e logo vai avante. Cada coisa respondia a outra e todas vieram a seu lugar **e** nam sobejava nada nem mingua.

No Impresso de 1561, novamente constatamos que mantém apenas a informação essencial sobre a ajuda de Ambrósia que, embora não seja nomeada senão por «velha», o leitor/espectador subentende que se trata daquela personagem através de informações dadas anteriormente. Por outro lado, o Impresso retoma uma frase do Ms. AS e elimina a expressão proverbial.

Com estes três exemplos encontramos, do Ms. AS ao Impresso de 1561, a tendência para filtrar o texto, centrando-o progressivamente nas informações essenciais.

Mas não é só a redução um elemento constante ao longo das versões, pois os testemunhos também apresentam expansão textual, que muitas vezes resulta de paráfrases ou perífrases, notando-se especialmente no texto do Impresso de 1561, que, por vezes, apresenta texto novo (marcado a preto nos próximos exemplos). Esta circunstância afasta-o, por conseguinte, dos outros testemunhos, de um modo mais radical do que os manuscritos entre si, como os próximos exemplos atestam:

1) (Acto I, Cena IV)

Ms. AS

Cassiano: Se nos esta verdade conta, mando eu a meu criado, Amente, dar voltas embalde, que o doutor se acolhe a moça às mãos aosadas que ele tenha cargo de vigiar as portas e as janelas. Meteram-no ora seus pecados em forte cuidado, em fim de seus dias. Fiai-vos lá em letras, bem pode homem aqui dizer que aos sessenta anos lhe entrou o demo na cabeça. Aquele, quando a receber, já a não deve receber por mulher, senão por herdeira.

Ms. H

Cassiano: Se esta moça verdade conta, empresto eu uns poucos de maus dias a meu criado Amente, e certo que esta é a paixão com que ele agora anda. O negócio do doutor é de siso, estoutro é tudo vento, como a velha dizia, e chamo de siso pera Lucrecia, que pera o doutor, ele me perdoe... Bem se pode dizer que aos sessenta anos lhe entrou o demo na cabeça, fiai-vos lá em letras. Aquele, quando a receber, não devia de dizer que a recebe por mulher mas por herdeira.

Impresso de 1561

Se esta moça verdade conta, empresto eu a nosso amigo uns poucos de maus dias com suas noites, que o negócio de doutor é de siso, não pera ele mas pera Betrande e pera a moça também, se ela é sesuda, como diz a velha. [...] Crede, se a colhe às mãos, que ele terá cuidado de fechar suas portas e janelas a tempo. Então, deixai-vos ao doudo rodear a casa e sospirar toda a noite. Vós, todavia, não duvideis que, entretanto, o sono não preste mal ao coitado do velho e desconfiado. Ah que queremos forçar tudo e a natureza também.

No primeiro exemplo, o Ms. H aproxima-se do Ms. AS, partilhando a maior parte do texto. Embora não apresente texto novo, uma vez que a única parcela do exemplo que não tem correspondente, surge, nas outras versões, em lugares distintos do texto que a transcrição acima não contempla (cf. Cap. 4 - Redistribuição textual), o Ms. H não mantém exactamente a mesma informação textual do Ms. AS, o que se encontra com regularidade na tendência reducionista que aquele testemunho parece evidenciar: partilha a crítica sobre a realização do casamento, que trará desvantagens a Petrónio, mas aponta, também, as tentativas infrutíferas de Amente, retomando um expressão usada por Ambrósia, na cena anterior, sobre a acção vã de Petrónio. Cassiano afirma, ainda, que as únicas vantagens na realização do casamento entre Petrónio e Lucrécia seriam para a jovem, generalizando, assim, a crítica a mais do que uma personagem, por oposição ao Ms. AS, no qual se direcciona apenas para o velho doutor.

No Impresso de 1561, uma parte substancial do texto assemelha-se ao do Ms. H, outra, pelo contrário, retoma o Ms. AS. Deste modo, mantém, semelhante ao Ms. AS, a descrição do que irá suceder a Petrónio se o casamento for realizado – o constante medo em relação a outros interessados na jovem –, e semelhante ao Ms. H, a expansão da crítica a outras personagens. Todavia, também acrescenta texto novo, acentuando o futuro pouco vantajoso de Petrónio e das tentativas frustradas dos outros pretendentes, numa aparente interpolação directa de leitor/espectador, assim como desabafos de carácter mais geral sobre o Homem que não aceita a suposta ordem natural da realidade.

2) (Acto I, Cena II)

Ms. AS²²

Cassiano: [...] **Gracejam e dizem que já se não costumam aios, isto ainda que lhe ensinem a falar verdade.** E como eles afirmam, com os rostos seguros, que sabe mais um mancebo d'arte destes d'agora que cem velhos juntos. E no mal dizem grande verdade, nunca a eles mor disseram. **Aos bons costumes e exemplos chamam velhices, certezas, e enfadamentos. A quantos erros consigo traz a mocidade, tudo chamam cousas do tempo, como se fossem boas manhas, nem querem consentir em nenhuma maneira que estê mal aos mancebos. Se é despendedor, se é das damas, se é brigoso, dexai-o que moço é, nunca aquele mau morre. Ora pois quant'a do beber e da escasseza**

²² **Impresso de 1559**

Cassiano: ... que sabe mais um mancebo d'arte destes d'agora que cem **velhos**. E no mal dizem **verdade**... Aos bons costumes e exemplos chamam velhices, **certezas, enfadamentos. E** a quantos erros **traz consigo** a mocidade... não querem consentir em nenhuma maneira que estê mal **ao mancebo**... Ora pois **quanto** do beber ... como se namoram logo dos costumes estrangeiros, principalmente daqueles em que **a soltura é lícita** pera seus vícios, a que eles chamam liberdade ... Amente cuida agora que é livre de seu pai e de mim, que por razão lhe **houvera** de ser **outro** segundo pai...

eu o asseguro pera a velhice, e assi não ficará tacha que não tenham tarde ou cedo. Já se eles saiem da sua terra, ali vos faço eu queixume como se namoram logo dos costumes estrangeiros, principalmente daqueles em que há a soltura e licença pera seus vícios, a que eles chamam liberdade. Essa me chamais vós a mim liberdade? Certo que a não chamavam ela assi os antigos. Amente cuida agora que é livre de seu pai e de mim, que por razão lhe divera de ser um segundo pai, e ele caiu em cativo de Calídio e de quantos lhe são necessários nestes seus amores, afora os mesmos amores de que é mais que cativo.

Ms H

Cassiano: [...] Logo se nos alevantam as menagens, logo querem ser senhores. Antes que saibam reger, assi querem a outrem. No tempo em que haviam ainda de sofrer castigo nem ensino não sofrem. E dizem desavergonhadamente que sabe mais um moço d'arte destes agora que cem velhos juntos. Aos bons insinos chamam velhices, certezas e enfadamentos. Quantos males consigo traz a mocidade, tantos dizem que não estão mal aos mancebos: se é desassossegado, brigoso, jogador, de molheres, deixai-o que moço é, nunca aquele mau morre. Pois quanto ao beber e escasseza, com a velhice virão, e assi não ficará tacha que não tenham ou tarde ou cedo. Se vão fora da sua terra, como se namoram dos costumes estrangeiros, principalmente daqueles em que há soltura, a que eles chamam liberdade. Liberdade me chamais vós òs azos e licenças pera os vícios. Não a chamavam a ela assi os antigos. Amente cuida agora que é livre de seu pai e de mim, que lhe houvera de ser outro pai segundo, e ele é cativo de Calídio e de quantos lhe são necessários nestes seus amores

Impresso de 1561

[...] A doudice não sabe ter meio. A tanto são chegados que gracejam e dizem que já se não costumam aios, como se fossem trajos curtos ou longos, e dos velhos dizem que cantam por ùa corda e por fabordão. Oh, pois, que música a sua, deles, e que contraponto: muitos escárnios, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Beijam-vos as mãos cem mil contos de vezes, cedo hão de beijar também os pés como ao papa, se ele não acode por seu estado. Entregam-se-vos por escravos c'os ferros nos pés e c'os ferretes nas testas. Então, quando os requereis, foi a mor mofina do mundo, porque aquilo só não podem. Ora da outra parte cotejai o cantochão dos nossos velhos, o seu si polo si, polo não não; o seu rego vai, rego vem; o seu dizer e fazer. Qual haveis por melhor música? Digo-vos em boa verdade que o d'agora, tudo parece escárnio quanto vedes, porém não se lancem os pais de culpa, que os criam tanto na vontade. Todos somos enfeitados co estes filhos. Depois que os danam, encomendam-no-los.

Neste segundo exemplo mantém-se a grande semelhança entre os dois manuscritos, não obstante o pouco texto novo que se encontra, mas evidencia-se uma completa reescrita no Impresso de 1561, cujo texto só se assemelha no início aos outros testemunhos. Conquanto a mensagem permaneça a mesma em todas as versões, a renovação textual do Impresso de 1561 indica novamente que as alterações vão para além da redução, da expansão e da simples paráfrase, mostrando uma substituição completa de um conjunto significativo de texto, convocando, para a caracterização dos

tempos antigo e moderno, metáforas do foro musical, a par de expressões de índole mais popular recolhida em adágios, e abandonando considerações gerais sobre a facilidade com que a juventude comete erros e adquire comportamentos menos apropriados, permitindo-se contaminar pelos costumes das terras visitadas.

3) (Acto I, Cena V)

Ms. AS

Dório: Não que eu saiba, salvo se era ir a casa de Betrando, e já lá não vou, no que recebi aquela perda que Deos sabe.

Cassiano: De cujo mandado ias lá?

Dório: Isso não posso dizer, tu me perdoa que são segredos de meu ofício em que não queria errar.

Cassiano: Fazes o que deves. Tanto maior erro faria quem te errasse. Mas que lhe vai Amente nisso?

Dório: Não o sei, ele o saberá. Não queria falar mais do que me compre.

Cassiano: Ora vai que eu te valerei quanto em mim for, não te posso prometer mais.

Dório: Nem eu tão-pouco pedir-te mais, porém isso te peço muitas vezes.

Cassiano: E eu muitas to prometo. Vai a boas horas.

Dório: E contigo fique muito prazer e muito descanso.

Ms H

Dório: Porque vou a casa de Bertrando.

Cassiano: Por cujo mandado?

Dório: Isso não posso eu dizer, que são segredos de meu ofício em que eu não queria errar.

Cassiano: Tanto pior feito seria errar-te ninguém a ti. E de minha parte farei quanto em mim for pelo estorvar, não te posso prometer mais.

Dório: Nem eu pedir-te mais, porém isso te peço muitas vezes.

Cassiano: E eu muitas to prometo. Vai às boas horas.

Dório: Muitos sejam os teus dias.

Impresso de 1561

Dório: Não me sei afirmar, mas pode ser que por ir à casa de Betrando, onde já não vou, no que recebi a perda que Deos sabe.

Cassiano: De cujo mandado ias lá?

Dório: Isso não posso dizer, que são segredos do ofício que tenho.

Cassiano: E a esse teu matador, que lhe vai nisso? Que hás, por que cospes?

Dório: A longe vá mau agouro.

Cassiano: Porque lhe chamei teu matador? Cala-te, que não te há por isso de matar.

Dório: Às vezes se dizem as palavras em tal conjunção...

Cassiano: Grandes arreços trazes a esta tua vida.

Dório: Tenho necessidade dela pera mim e toda a minha gente.

Cassiano: Que lhe vai a esse mancebo nisso?

Dório: Não sei, ele o saberá.

Cassiano: Ora Dório, amigo meu, quanto ao medo não sei que te faça, que não é em mi tirar-to; no mais farei quanto em mi for, não te posso prometer mais.

Dório: Nem eu pedir-te mais e, porém, isso te peço muitas vezes.

Cassiano: E eu muitas to prometo. Descansa, que não será nada.

Dório: Assi queira Deos.

No terceiro exemplo, o Ms. H é mais sintético do que o Ms. AS, através da eliminação de informação sobre a decisão de Dório de não ir a casa de Bertrando, e alguns fragmentos repetitivos, como a segunda pergunta de Cassiano. O Impresso de 1561, como sucedeu anteriormente, por um lado aproxima-se do Ms. H, mas também retoma texto do Ms. AS que não se encontra no outro manuscrito. Acresce, ainda, a expansão textual do Impresso, através das novas falas (transcritas a preto) que, por um lado, têm um efeito mais imagético sobre as personagens - «que hás, por que cospes?» -, e por outro uma construção discursiva mais popular, através da expressão proverbial e da associação à suposta superstição de Dório.

4) (Acto II, Cena VI)

Ms. AS²³

Calídio: **Que fizéssemos duas trovas, assi sem cuidar, que nunca as tais vi como as tuas.**

Devorante: **Si, não levava eu agora outro cuidado.**

Calídio: **Tanto mais serão d'improviso.**

Devorante: Deixa-me, deixa-me.

Calídio: **S'és quebrado ou se és inteiro**

ou se é dor que t'afadiga

que te ronca essa barriga

mais que um velho e mau sindeiro.

Devorante: Calídio, requeiro-te da parte de Deos que me deixes. Deixa-me, não me tome o diabo aqui contigo.

Calídio: **Não vai nessas, leva cães no ventre, guarda, guarda do taramulo; andar pera roim, que tantos jentares nos tens neste mundo comidos. Eu também quero ir buscar meu remédio.**

Ms H

Calídio: **Que fizéssemos um par de trovas, assi sem cuidar, porque nunca as assi vi acertar como a ti.**

Devorante: **Se não ia eu ora cuidando em al.**

Calídio: **Se és quebrado, ou se és inteiro**

ou se é dor que te afadiga

que te ronca essa barriga

mais que a um velho e mau sindeiro.

Devorante: Requeiro-te da parte de Deos que me deixes. Deixa-me, não me tome o diabo aqui contigo.

Calídio: **Não vai nessas, leva cães na barriga, digo no estômago, guarda, guarda do taramilho; andar pera roim, que muitas ceas e muitos jentares nos tens comido neste mundo. Já agora posso entrar.**

Impresso de 1561

Calídio: **Dous toques de trovas d'improviso que tens nisto gracia gratis data.**

Devorante: **Não ia eu ora cuidando em al.**

²³ **Impresso de 1559**

Calídio: Tanto **serão mais** de improviso. / Calídio: Se és quebrado, **se** és inteiro... / mais que **a de um velho sindeiro**. Devorante: ... Deixa-me, nam me **tome aqui** o diabo contigo. / Calídio: ...mundo **comido**.

Calídio: Tanto mais d'improviso. Começo:
se és quebrado ou se és inteiro
que assi vás aos foles dando
dás à cabeça escornando
se és touro ou velho sindeiro.

Devorante: Eras pera alfeloeiro
que vai cascavéis tocando
bem sei que foste apalpando
mas não és bom chocarreiro.

Calídio: Ora o fizeste como quem és e mais pelos consoantes, outr' hora te convidarei. Já podes passar.

Nestas falas, inseridas num diálogo satírico entre as personagens, confirma-se a tendência reducionista do Ms. AS para o Ms. H, que só elimina duas falas que acentuam a disparidade de intenções das duas personagens. No Impresso de 1561 há um aproveitamento parcial do texto dos outros testemunhos, mas essencial é a expansão do texto presente, que altera o final do episódio desta cena, através da aceitação do desafio lançado por Calídio. Note-se, ainda, que as próprias trovas desta personagem diferem das apresentadas nas outras versões, através do uso de termos mais burlescos.

A par com o texto novo, resultante da paráfrase, os exemplos transcritos também revelam que cada versão apresenta, por vezes, texto único, sem paralelo com as demais, falas que não encontram correspondência no texto das outras versões. Um estudo prévio parece indicar que as falas exclusivas são em maior número no Impresso de 1561, seguindo-se o Ms. AS e o Ms. H. Esta diferença salienta a maior distância textual do Impresso, em relação aos manuscritos. Por outro lado, o facto de o Ms. AS não apresentar uma quantidade significativa de falas exclusivas realça a partilha textual que os outros testemunhos apresentam em relação ao Ms. AS.

Apresentaremos apenas um conjunto de exemplos, recolhidos no primeiro acto, com todas as falas exclusivas de cada versão:

Ms. AS

- 1) Ambrósia: Mais do que podes cuidar. (Acto I, Cena III)
- 2) Cassiano: Nem aos mesmos homens tampouco. (Acto I, Cena III)
- 3) Cassiano: Dize o que mandares. (Acto I, Cena V)
- 4) Dório: Não o sei, ele o saberá. Não queria falar mais do que me compre. (Acto I, Cena V)

Ms. H

1) Cassiano: Velha sesuda, que bom conselho também pera os mesmos homens. (Acto I, Cena III)

2) Alda: Em outras partes, dizem que se faz melhor.

Ambrósia: Em outras partes, e em todas, há seu pedaço de mau caminho, não te engane ninguém.

(Acto I, Cena III)

3) Cassiano: Eu estranho o erro daquele e ele estranhará o meu, que ando perdendo a vida após um moço perdido. (Acto I, Cena III)

Impresso de 1561

1) Ambrósia: Bem o sei, mas tu dizes tão rico e não dizes tão calvo. (Acto I, Cena III)

2) Cassiano: Coitados, que neste murmurar nos mantemos. (Acto I, Cena V)

3) Dório: Se a terra destes é como eles dizem, que buscam na nossa? Oh, ilha tão abastada e tão rica por teu mal! (Acto I, Cena V)

4) Cassiano: A mim se vem, não o conheço, que me quererá? (Acto I, Cena V)

5) Cassiano: São braburas de Palermo. (Acto I, Cena V)

6) Dório: Uns pela lã, outros pela pele.

Cassiano: Conhece-lo tu bem?

Dório: Assi o não vira nunca, nem ele a mi.

Cassiano: Por te pôr esse medo te ameaçou? Agora, se a ti fosse, andaria eu mais seguro.

(Acto I, Cena V)

7) Cassiano: Que te diz o coração? (Acto I, Cena V)

8) Cassiano: E a esse teu matador, que lhe vai nisso? Que hás, por que cospes?

Dório: A longe vá mau agouro.

Cassiano: Porque lhe chamei teu matador? Cala-te, que não te há por isso de matar.

Dório: Às vezes se dizem as palavras em tal conjunção...

Cassiano: Grandes arreços trazes a esta tua vida.

Dório: Tenho necessidade dela pera mim e toda a minha gente.

(Acto I, Cena V)

6. Intriga

A intriga é, naturalmente, essencial para analisarmos as diferenças que encontramos entre as versões, pois situam-se no campo do sentido e da interpretação textual. Desta forma, procederemos ao levantamento dos respectivos exemplos, cingindo-nos àqueles que apresentam mudanças significativas entre os testemunhos. Para tal, e de modo a construir um encadeamento nos exemplos que, por si mesmos, têm, muitas vezes, distância entre si, na medida em que surgem após outros acontecimentos e episódios, seguiremos a modelação da história e a contextualização de cada exemplo.

Acerca das diferenças entre versões conhecidas da comédia, Earle (2006: 25) sistematiza:

A existência da primeira versão d’Os Estrangeiros conhece-se desde há mais de um século, mas nunca recebeu a atenção merecida. No entanto, é uma importante indicação do clima teatral em que Miranda trabalhava, em que a retórica desempenhava um papel fundamental. E as diferenças entre a versão primeira e a versão definitiva são, com efeito, linguísticas. Na peça, como na comédia clássica romana, há muitas personagens que tomam parte numa série de intrigas, todas com o fim de conquistar a bela Lucrécia. Nas duas versões, as personagens e as intrigas são idênticas, e há um número igual de actos, cinco, e em cada acto um número igual de cenas. Os mesmos indivíduos, portanto, enfrentam e tentam solucionar os mesmos problemas, mas empregando uma linguagem que varia muito de uma versão à outra. Há aqui uma indicação da maneira de trabalhar do autor. Cria um enredo e um elenco, que depois põe a funcionar com palavras que altera em conformidade com as necessidades estilísticas do momento.

O levantamento de exemplos que constitui este capítulo será útil para procedermos a uma reavaliação da premissa acima expressa de que as diferenças entre testemunhos são essencialmente linguísticas, no sentido em que é empregue «uma linguagem que varia muito de uma versão à outra». Todavia, antes de prosseguirmos rumo à modelação da história e respectivos exemplos, gostaríamos de evocar um capítulo anterior, em que procurámos demonstrar que a redistribuição textual, expressão que empregámos para designar uma nova colocação de determinados excertos no texto, pois esse processo também parece desempenhar papel preponderante na configuração de cada testemunho.

A comédia tem início com um diálogo entre Cassiano e Amente sobre as atitudes impróprias deste e a sua obediência ao aio. A discussão entre as duas personagens desemboca num monólogo de Cassiano, que refere os motivos que os levaram até Palermo, cidade onde a intriga se desenrola:

(Acto I, Cena II)

Ms. AS²⁴

Um ano há que partimos de Valença, íamos pera Rodes, arribámos neste Palermo [...]. Sobreveio a nova do cerco [...]. Houvera o velho este filho já na velhice, e não via mais bem dos seus olhos, todavia, por outros que tinha, houve de encomendar este àquela religião [...].

Ms. H

Mandava-o seu pai a Rodes, porque tinha outros filhos mais velhos, arribámos dias há neste Palermo. Enquanto o tempo e alguns negócios nos detinham [...]. Sobreveio também a nova do cerco do turco [...]. E porque ele não via outro bem senão este filho que houve já na velhice [...].

Impresso de 1561

Quanto há que partimos de Valença, íamos pera Rodes, nosso amo quisera encostar este filho àquela religião. Estando aqui esperando passagem, vieram novas do cerco, agora já dizem mais da tomada.

Perante este exemplo, constatamos que, em primeiro lugar, as versões, com excepção do Ms. H, indicam Valença como origem das personagens principais, permitindo ao leitor o reforço deste conhecimento, dado anteriormente no prólogo da comédia, em todas as versões²⁵. É interessante notar que estas personagens, Cassiano e Amente, não são italianas, mas estrangeiras, facto que se relaciona com o próprio título da comédia – *Os Estrangeiros* - como sucede com outras personagens. Retomando a informação pertinente para a intriga, o texto do Ms. AS tem informações sobre a partida de Valença, ocorrida há um ano, em contraste com o Ms. H, que associa a chegada a Palermo com a referência temporal «dias há», não acrescentando nada acerca da partida

²⁴ **Impresso de 1559**

Cassiano: [...]. Houvera o velho este filho **na velhice, nam** via mais bem dos seus olhos, todavia, **porque tinha** outros, houve de encomendar este àquela religião.

²⁵ Ms. AS: «Ora daquela casa defronte sairá um mancebo, natural de Valença d'Aragão»

Ms.H: « Daquela casa sairá um mancebo, natural de Valença d'Aragão»

Impresso de 1561: «Ora daquelas casas defronte sairá um mancebo valenciano por nome Amente»

O Impresso de 1559 não regista diferenças em relação ao Ms. A

de Valença; por sua vez, o Impresso de 1561 apresenta uma referência temporal mais vaga - «Quanto há» - em relação à saída de Valença, mas em contrapartida é omissivo sobre a chegada a Palermo. Sabemos que o destino final das personagens seria Rhodes, onde Amente ingressaria na vida religiosa. É importante notar a ausência, no Ms. H, da indicação explícita sobre a vida religiosa, expressa nos demais testemunhos.

No entanto, muitos dos factos referentes à intriga estão relacionados com a construção do passado de Lucrécia, personagem que não tendo falas atribuídas na comédia, funciona como o motor da intriga. Neste sentido, vamos encontrar muitas falas que, directa ou indirectamente se reportam a ela, nomeadamente na terceira cena do primeiro acto, num diálogo entre Ambrósia, antiga ama de Lucrécia, e Alda, criada de Betrando, tutor de Lucrécia. As informações acerca da relação entre Ambrósia e Lucrécia não são explícitas e só encontramos alguma clarificação sobre essa ligação na sétima cena do último acto, embora não em todas as versões, como veremos. Deste modo, esta terceira cena só nos dá conta da existência de uma relação entre as duas personagens. O diálogo centra-se, primeiro, nos conselhos de Ambrósia dados a Alda sobre o perigo dos homens e, em segundo, no casamento entre Petrónio e Lucrécia. É no final da cena que encontramos as indicações mais pertinentes:

(Acto I, Cena III)

Ms. AS

Alda: Quanto é o que eu cuido, a isso és agora chamada pera te darem conta de tudo e se fazer com teu conselho, assi como seu tio dom abade, que santa glória haja, deixou ordenado.

[...]

Ambrósia: Esse dom abade, que dizes, não lhe era nada, mas era um padre das órfãs e das veúvas. Seria logo um longo conto. Porém, como querem que seja, não deviam empregar mal tal parecer e tais costumes, afora muitos outros sinais que aí há de Lucrécia ser do sangue que parece. E teu amo Betrando nam cuido que faça senão o que deve a sua bondade e a confiança de quem lha tanto deixou encomendada.

Ms.H

Alda: E a isso te manda chamar Bertrando pera falar tudo contigo, que assi dizem que o deixou ordenado seu tio dom abade.

Ambrósia: Esse dom abade, que dizes, não lhe era nada, mas foi um pai das órfãs e das viúvas. Seria ora um conto longo. Porém, como quer que seja, não deviam d'empregar mal tais costumes e tal parecer, afora outros muitos sinais que há i d'ela ser a que parece.

Impresso de 1561

Alda: E a isso cuido que és agora chamada, porque o doutor aperta muito.

[...]

Ambrósia: Aquele dom abade, tio de Lucrécia, religioso como eles soíam de ser, tanto lhe deixou do seu que Betrando a pode casar sem lhe custar nada, e mais com tal ajuda de Deos, como é parecer seu e o siso.

O que é importante neste exemplo é a referência ao abade e as leituras que ela origina. Notemos que, na fala de Alda, somente o Impresso de 1561 não alude ao abade, suposto tio de Lucrécia, mas incide sobre a pressão de Petrônio para a realização do casamento. Esta diferença poderia não ser relevante, caso Ambrósia não retomasse, na fala seguinte, a referência ao abade, esclarecendo, com sentido nos manuscritos, a ausência de laços de sangue entre as duas personagens, sugerindo, ainda, no Ms. AS, que Lucrécia pertence a um elevado estatuto, menos óbvio no Ms. H, cujas referências são mais vagas e não se referem necessariamente à sua condição social. E no Impresso de 1561? Para além de Alda não mencionar, como vimos, o abade, a fala de Ambrósia inicia-se com um deíctico - «Aquele» - que, ao contrário de «Esse», empregue nos manuscritos, não obriga a uma referência imediatamente anterior. Por outro lado, as informações dadas vão num sentido diferente do das outras versões: afirma, primeiro, uma relação de sangue entre o abade e Lucrécia, o que, até ao momento, não constitui nenhuma incoerência, mas entrará em conflito com a história do passado de Lucrécia, que será assunto na quarta cena do terceiro acto.

É apenas na quinta cena do segundo acto, num diálogo entre Calídio e Amente sobre a viabilidade do casamento de Lucrécia com Petrônio, que temos mais esclarecimentos sobre a origem da jovem:

Ms. AS²⁶

Calídio: Que ainda o não podiam entender, somente que lhe mandava chamar a velha Ambrósia, em cuja busca ia.

²⁶ **Impresso de 1559**

Calídio: Que ainda o nam **podia** entender, somente que lhe mandava chamar a velha Ambrósia, em cuja busca ia.

Ms. H

Calídio: Que ainda não podia entender sua vontade, somente que lhe mandava chamar a velha que teve carrego de Lucrécia em vida de seu tio.

Impresso de 1561

Calídio: Que ia em busca de Ambrósia, a velha que criou Lucrécia.

No Ms. AS nada mais temos a não ser a referência à procura de Ambrósia, o que suscita uma dificuldade de interpretação, pois não encontramos ao longo do texto nenhuma indicação sobre a ligação entre Ambrósia e Lucrécia, a não ser a expressão «tua Lucrécia» utilizada por Alda, dirigindo-se a Ambrósia, na terceira cena deste primeiro acto.

No que respeita às outras versões, no Ms. H é expresso que Ambrósia criou Lucrécia durante a vida do abade, ao passo que no Impresso de 1561 não está delimitado o tempo de acção da personagem.

É na quinta cena do terceiro acto que, com o aparecimento de uma nova personagem, Guido, irmão de Petrónio, são aduzidas novas informações sobre o passado de Lucrécia. Assim, há três falas de Guido essenciais para o futuro desenvolvimento da intriga:

1)

Ms. AS

Guido: Passando de Maiorca a Sardenha, acertou-se na mesma nau um nosso pisano e, falando d'as cousas nas outras, como se faz, disse que a vira em Florencia, em casa dum cidadão honrado, e depois em Roma, também em casa do mesmo frorentim.

Ms. H

Guido: Passando eu de Malhorca a Sardenha, acertou-se na mesma nau um pisano que nos conhecia e, falando de ãas cousas e doutras, como se faz, disse-me que a vira depois em Florença, em casa de um cidadão honrado, e depois fora ter a Roma.

Impresso de 1561

Guido: Em Sardenha achei um nosso paisano e conhecente. Este me contou que a vira despois em Florença e despois em Roma.

2)

Ms.AS

Guido: Era um banqueiro que seguia a corte romã, com sua mulher e filhos.

Ms. H

Guido: Em casa daquele mesmo que era banqueiro e seguia a corte do papa, com sua mulher e filhos.

Impresso de 1561

Guido: Não sabes que as duas partes de Florença são passadas com este seu papa a Roma?

Nestes dois comentários da personagem os manuscritos acrescentam uma nova informação pertinente para a intriga, ao contrário do Impresso de 1561, cuja informação remete para um facto histórico, nada referindo directamente sobre Lucrecia. Nos manuscritos a indicação sobre o banqueiro, caracterização do «cidadão honrado» anteriormente mencionado, revela-se uma ponte essencial para o desenrolar da história contada por esta personagem, desenvolvida na fala seguinte:

3)

Ms. AS²⁷

Guido: Como quer que seja, segundo aquele contava, a Roma foi ter. Mas contou mais, que logo aquele Verão morreu o florentim de peste e toda a gente de casa, somente a menina que Deos salvara milagrosamente per meio dum dom abade, irmão do florentim, homem de muito conto, que tinha sua renda nesta terra em que estamos, pera onde se logo viera.

Ms. H

Guido: Como quer que seja, lá foi ter. O banqueiro morreu um Verão com toda a casa, somente a nossa minina, que ficara encomendada a um abade bento, seu irmão do florentim, que tinha sua renda nesta terra, pera onde se logo viera e a trouxera consigo. Não me soube dizer mais. Agora perguntaremos e, se viva é, não podemos errar.

²⁷ **Impresso de 1559**

Guido: Como quer que seja, segundo **o que ele** contava, a Roma foi ter. Mas **contava** mais... somente a menina qui-**la** Deos salvar milagrosamente per meio de um dom abade... que tinha sua renda nesta terra **onde** estamos, pera onde se logo viera.

Impresso de 1561

Guido: Contava mais que dera em Roma a peste em casa daquele mercador florentino, onde a menina estava, e que um dom abade, seu irmão dele, homem religioso e bom, a trouxera pera esta terra, onde ele tinha renda; agora com estes sinais não se pode errar.

Esta é das falas mais importantes para o desenlace da intriga, uma vez que acrescenta circunstâncias à ligação de Lucrecia com o abade, referida no diálogo entre Alda e Ambrósia. Relevante é também a indicação, igualmente presente no Impresso de 1561, que explicita a vinda da jovem para Palermo. No que respeita a esta versão, a indicação sobre o mercador encontra equivalente, ao nível dos testemunhos manuscritos, na referência, já antes desta fala, ao banqueiro.

O final do diálogo entre Guido e Petrónio também apresenta alterações pertinentes ao nível da intriga nos testemunhos em causa:

Ms. AS²⁸

Guido: Agora preguntaremos com estes sinais. Se ela viva é, não a poderemos errar.

Petrónio: Daqui por diante, se assi é, maior mal me parece achá-la que perdê-la. Busque-a quem quiser.

Guido: Porquê?

Petrónio: Porque as mulheres não hão de andar muitos caminhos, que são cousa delicada e perigosa, quebram como vidro.

Guido: Melhor o fará Deos. Antes de nenhũa cousa vamos por amor de mim a dar-lhe graças, do mais esperemos bem.

Petrónio: Vamos que tenho muitas contas pera te dar, em casa as falaremos.

Guido: Muito em boas horas.

Ms. H

Guido: [...] Agora preguntaremos e, se viva é, não podemos errar.

Petrónio: Se tudo isso assi passa, antes a não achemos já.

Guido: Porquê?

Petrónio: Porque as mulheres não hão de andar muitos caminhos, que são cousa delicada e perigosa, quebram como vidro.

Guido: Melhor o fará Deos. Vamos-lhe a dar graças, do mais esperemos bem.

Petrónio: Vamos, e tenho muitas cousas que te dizer, em casa as falaremos.

²⁸ **Impresso de 1559**

Petrónio: Daqui por **diant**e, **maior** mal me parece achá-la que perdê-la / Petrónio: Porque as mulheres nam hão de andar muitos caminhos, que são cousa **perigosa e delicada, e quebra** como vidro.

Impresso de 1561

Guido: [...] agora com estes sinais não se pode errar.

Petrónio: Daqui por diante, busque-a quem quiser.

Guido: Porquê?

Petrónio: Porque as mulheres não hão de andar muito caminho, que são ãa perigosa mercaderia, quebram como vidro.

Guido: Em tempo de tantos trabalhos e tamanhas mudanças que menos se podia acontecer?

Petrónio: Eu to direi, perde-se de todo, que nunca dela mais soubéramos.

Guido: Tu mo encomendaste.

Petrónio: Desejava de ter novas que escrever a seu pai, e essas quem lhas escreverá?

Guido: Iremos por estes sinais mais avante, pola ventura não será o mal tanto. Tenho necessidade de repousar que inda me a cabeça dá voltas.

Petrónio: Vamos, e lá te darei muitas outras contas.

A versão mais sintética deste final de diálogo pertence ao Ms. H, que, no entanto, ao nível da informação veiculada, equivale ao Ms. AS, porque a omissão de «Busque-a quem quiser» não é suficiente para comprometer a leitura de uma mesma sequência de juízos e opiniões trocados por Guido e Petrónio.

Já o Impresso de 1561 contém informação exclusiva, a explicitar a razão de Guido procurar notícias de uma jovem, que aqui ainda não se sabe (mas adivinha-se) ser Lucrécia, e a dar conta da ligação de Petrónio ao pai da jovem, expressa através da sua vontade de lhe escrever com boas novas a respeito da filha. Além disso, só no Impresso de 1561 é que existe o comentário de Guido ao aforismo de Petrónio sobre as mulheres, o qual remete para um momento histórico dominado por «tantos trabalhos e tamanhas mudanças».

Quase já no final da comédia, encontramos uma nova personagem que será o elemento final na resolução da intriga – Reinalte. No início do quinto acto, o monólogo desta personagem centra-se na explicação da sua origem e da sua presença em Palermo:

Ms. AS²⁹

Reinalte: Se aqui acho a filha que busco, todos os trabalhos que nele passei, e outros muitos, se me tornarão em descanso [...]. Aquele foi o meu primeiro amor, aquele será o derradeiro, que a filha escassamente me lembra senão por sua mãe, que me a morte levou tanto antes de seu tempo [...]. A perda da mãe me lançou d'Itália onde passara o

²⁹ **Impresso de 1559**

Reinalte: ... todos os trabalhos que nele **achei**... mãe, que me a morte **levou antes** do seu tempo... me lançou de Itália onde **passava** o melhor **da** minha vida. A filha ... me torna agora **lá**. Quando a nobre cidade de Pisa veo a poder de seus inimigos, era dentro um **meu amigo** de que **fiava** todos meus

melhor de minha vida. A filha que então deixei, nacida de poucos dias, me torna agora cá. Quando a nobre cidade de Pisa veo a poder de seus imigos, era dentro um grande amigo meu de que fiara todos meus segredos e a moça também.

Ms. H

Reinalte: Se a não acho então começarei a cansar, que na minha esperança, ainda que era fraca, tod'o mal passava bem [...]; e isto não é amor de filha, porque escassamente posso dizer que a vi, pela idade em que a deixei de ver na cidade, muito poucos dias, mas é amor da mãe que a pariu [...]. A perda da mãe me lançou a Itália, onde então passei os meus anos milhores; a filha me torna agora cá. Deixei-a encomendada a um grande meu amigo.

Impresso de 1561

Reinalte: No cabo desta minha tão longa e trabalhosa jornada, quando os outros descansam, começa o mor cansaço meu, co a dúvida que tenho se acharei aqui ãa filha em cuja busca venho [...]. O mor bem que neste mundo tive, que foi a mãe desta moça, a morte mo levou dias há [...]. A grande dor da sua morte me lançou então de toda Itália; o desejo da filha me torna agora cá. Deixei-a encomendada a um doutor, grande amigo meu, em Pisa, onde então estudava.

Nos manuscritos, a referência à perda da mãe e da filha incide sobre um passado longínquo, em consonância com as outras informações dadas sobre a história da jovem, nomeadamente sobre o banqueiro e a sua mulher, com os quais a jovem teria ficado após a fuga de Petrónio. No Impresso de 1561, em relação a «mo levou dias há», estamos, provavelmente, perante um erro de composição tipográfica, pois a morte recente da mãe de Lucrécia contraria e anula tudo o que anteriormente foi referido sobre o seu passado. Notemos que, nas demais versões, a expressão temporal que «dias» integra reporta-se à idade em que Reinalte deixou Lucrécia ao cuidado de terceiros, o que mantém a história coerente.

Antes do final da comédia, Cassiano na quinta cena do quinto acto faz o ponto de situação relativamente ao desenlace dos acontecimentos:

Ms. AS³⁰

Cassiano, só: Venho espantado dos acontecimentos. Andando em busca de nosso amo, achei Reinalte, nosso natural, que também aqui é vindo. A um trouxe cá um filho perdido e ao outro ãa filha que perdera. Oh, filhos, filhos, estes são os vossos descansos! Doutra parte, tendo o doutor Petrônio concertado seu casamento, que lhe não falecia nada, vem Reinalte, de Valença, e acham todos, por suas contas, que Lucrécia é aquela filha em cuja busca Reinalte vem. E, sobretudo, afillhada do doutor. Assi, lhe pudera ser mais e sabê-lo tarde. O outro coitado, que estava já co a boca aberta pera papar a moça, ficará sonhando co ela. Bem dizem que muitas cousas acontecem antre o bocado e a boca. Venhamos a meu criado, Amente, a cujo prazer se estas cousas todas rodearão. Reinalte é rico, não tem filho nem filha, salvo esta que aqui achou. Dai-a por molher de Amente, quando ele estava pera se enforcar, assi negocea a fortuna aquilo que lhe a ela apraz. E assi fica o meu trabalho todo embalde e a minha paixão mal tomada. Nam sei que diga às cousas deste mundo, ãas parecem que se ganham todas por diligência, outras por acerto só. Pera tudo i há exemplos e rezões. Vou-me a ver nosso amo.

Ms. H

Cassiano, só: Venho espantado dos acontecimentos. Andando em busca de nosso amo, achei Reinalte, que também é aqui chegado. A um trouxe cá o filho, a outro a filha. Estes descansos dão eles a seus pais! Doutra parte, tendo o doutor concertado o seu casamento, vem Reinalte e acha por suas contas que Lucrécia é aquela sua filha em cuja busca vem. E, sobretudo, afillhada do mesmo doutor com quem estava concertada. Assi, pudera também ser sua filha e sabê-lo tarde. O doutor, que estava já com a boca aberta, ficará sonhando com Lucrécia. Bem dizem que muitas cousas acontecem entre o bocado e a boca. Reinalte é rico, não tem outro nenhum filho. Dai-a por molher de Amente, assi se negoceam as cousas quando a fortuna quer. O meu trabalho fica todo em vão e mal agradecido, que as cousas assi são julgadas como socedem. Vindo já pera casa, achei Calídio dando brados pelas ruas. Deu-me novas dos seus açoutes e eu dei-lhe estoutras. Lá vai, irá em busca de Amente. Õa por ãa curei-o dos seus açoutes e brados. Não sei que diga às cousas deste mundo, ãas parece que se ganham por diligências, outras por acertos. Pera tudo há i exemplos e razões. Vou-me a ver nosso amo, que de tanto cuidado me hoje tirou com esta sua vinda.

Impresso de 1561

Cassiano, só: Venho pasmado dos acontecimentos. Andando em busca de nosso amo, fui dar com Reinaldo, nosso natural, que agora também chegou. A um trouxe cá um filho perdido, ao outro ãa filha que perdera muito há. Oh, filhos desejados, e estes são os vossos descansos?! Doutra parte, tendo o doutor concertado seu casamento, chega Reinaldo e acha neste próprio dia, nesta hora, neste ponto, que Lucrécia, aquela que a

³⁰ Impresso de 1559

Cassiano, só: ... A um **trouxe-o** cá um filho perdido e ao outro ãa filha que perdera. Oh, filhos, **oh**, filhos, estes são os vossos descansos! Doutra parte, tendo o doutor Petrônio concertado **o** casamento, que lhe nam **faltava** nada, vem Reinalte, de Valença, e acham todos, por **más** contas, que Lucrécia é aquela filha em cuja busca Reinalte vem... Venhamos a meu criado, Amente, a cujo prazer se estas cousas **rodeará**... Dai-a por molher de Amente, quando ele estava pera se enforcar, assi negocea a fortuna **o** que lhe a ela apraz... Nam sei que diga às cousas deste mundo, ãas **parece** que se ganham todas por diligência, outras por acerto só. Pera tudo **há i** exemplos e **corações**. Vou-me **ver** nosso amo.

todos nos tem dado tanto trabalho, é a sua própria filha que andava buscando por mar e por terra. E, sobretudo, que é afilhada do mesmo doutor. Assi, lhe pudera ser inda mais e não se saber a tempo. O coitado, que não via já o dia nem a hora, e que estava co a boca aberta pera papar a moça, ficará assi co ela às moscas. E, polo contrário, meu criado Amente, que lhe era lá posto o cutelo na garganta, esperando só pelo pregão, vê a fortuna melhor casamenteira muito que Dório e negoceia-lho tudo a pedir de boca. Que diremos às cousas deste mundo? Ûas parece que se alcançam a poder de negociação e viva diligência, outras por só dita e bom acerto. Já acharei [40] nosso amo em casa, vou-me lá dar-lhe estas novas e passarão as paixões e tormentas, que tão armadas estavam.

Nesta cena, a diferença mais importante, quanto à intriga, diz respeito ao período exclusivo do Ms. H, em que Cassiano refere o encontro com Calídio, que vai justificar numa cena seguinte (cena sétima do quinto acto) a circunstância de Calídio se mostrar de posse de toda a informação relativa ao desfecho dos acontecimentos. Depois, há também o desabafo da personagem, apenas presente no Ms. AS («E assi fica o meu trabalho todo embalde e a minha paixão mal tomada») e no Ms. H («O meu trabalho fica todo em vão e mal agradecido, que as cousas assi são julgadas como socedem»), o que vai ao encontro da menor tendência do Impresso de 1561 para especificar gestos, expressões ou atitudes das personagens, alvo de análise no capítulo seguinte. Por último, constata-se que quer o Ms. H quer o Impresso de 1561 acrescentam texto ao final da cena, em comparação com o Ms. AS, o que, como observado anteriormente, não é muito frequente.

A última fala da comédia traz-nos novos contrastes:

Ms. AS³¹

Devorante: Não houve mister rogadores. O filho lançou-se em terra aos pés do pai. O velho, como o assi o viu, começaram-lhe logo a correr as lágrimas em fio e, sem mais poder falar ãa só palavra, alevantou-o e lançou-lhe muitas vezes a sua bênção. Ordenam festas, ali são as minhas mangas. O doutor já fez outros concertos. Vós não espereis aqui polo casamento, que se há de ir fazer em Valença. Briobris contentar-se-á com dizer que lhe fogiram todos de medo.

³¹ **Impresso de 1559**

Devorante: ... O velho, **como assi** o viu, começaram-lhe logo a correr as lágrimas em fio e, sem mais **falar palavra**, alevantou-o e lançou-lhe muitas vezes a sua bênção... Briobris contentar-se-á com **lhe** dizer que lhe fogiram todos de medo.

Ms. H

Devorante: Ora deixa-me, que eu quero descobrir terra. As pazes são feitas. Amente lançou-se em terra ante os pés do pai. O velho, como o assi viu, alevantou-o, com os olhos cobertos de lágrimas sem poder dizer ãa só palavra, lançou-lhe muitas vezes a sua bênção. Eu houve, todavia, de achar a cea que buscava. O meu soldado também buscará outros amores e Briboris contentar-se-á, por agora, com dizer que lhe fugiram todos de medo. Não espereis pelo casamento aqui, que se há de fazer em Valença.

Impresso de 1561

O Representador: Não foram necessários rogadores nem arengas. O filho lançou-se por terra aos pés do pai. Ele, c'os olhos cobertos d'água, alevantou-o de ãa parte e da outra as lágrimas sopriram por palavras. A cea faz-se prestes. Ao doutor e ao soldado não falecerão outros amores. As outras festas hão-se de fazer em Valença de Aragão.

Embora comecemos por observar que a versão mais sintética da fala é no Impresso de 1561, há outros motivos de análise relacionados com a reescrita do texto que se revelam mais pertinentes: no Ms. AS o final da fala não coincide com a localização da acção futura e mostra descontinuidade, pois ao devir do Doutor não se segue o de Briobris, como seria mais lógico e esperado; no Ms. H deparamo-nos com duas orações referentes ao Soldado e nenhuma ao Doutor, com a estranheza adicional de o sujeito ser explicitado em ambas as copulativas («Soldado» e «Briboris»). Somente no Impresso de 1561 tudo parece acabar efectivamente bem, com o devir assegurado tanto para o Doutor como para o Soldado, seguido da localização da acção futura, com o casamento agendado para Valença de Aragão.

7. Personagens

Todos os testemunhos, à excepção do Ms. H, apresentam o elenco das personagens, mas com diferenças. Assim, para além de variantes ortográficas (por exemplo, «Vidual» no Ms. AS e no Impresso de 1559 e «Vidal» no Impresso de 1561; «Sargenta» no Ms. AS e no Impresso de 1559 e «Sarjanta» no Impresso de 1561), as principais alterações são: só no Ms. AS a Comédia integra a lista; Devorante é «chacorreiro» no Ms. AS e no Impresso de 1559, mas «truão» no Impresso de 1561; Guido deixa de ser «irmão do doutor», como no Ms. AS e no Impresso de 1559, para passar a ser apenas «mercador» no Impresso de 1561; de modo análogo, Reinalte só é «pai de Lucrécia» no Impresso de 1559, pois no Ms. AS e no Impresso de 1561 é simplesmente «velho».

Neste capítulo daremos conta do modo como os diferentes textos das diferentes versões condicionam a construção das personagens. Nos casos em que determinada versão omite texto presente nas outras, essa omissão é indicada com Ø.

Earle (2006: 11) refere que «em ambas as comédias existem personagens bem delineadas, especialmente os parasitas ou alcoviteiros, obrigados a servir vários donos». Constatamos, no entanto, entre as versões, uma maior ou menor tendência para especificar gestos, expressões ou comportamentos/ acções das personagens, o que pode contribuir para a discussão, juntamente com uma análise da ocorrência de expressões latinas, citações e provérbios, sobre versões da comédia mais direccionadas para representação ou para leitura. Na verdade, o primeiro grande contraste entre versões assenta numa menor caracterização das personagens no Impresso de 1561, eliminando, sobretudo, uma caracterização mais alongada de personagens secundárias que os outros testemunhos apresentam:

(Acto III, Cena II)

Ms. AS³²

Sargenta: Nem eu não houvera de sofrer aquela vida, antes soubera perder quanto tinha servido. Pois que remédio, vai meu amo e namorou-se-me desta Lucrécia que tanto gabam de fremosa, mas quant'a eu nam lhe vejo ora essas fremosuras tam sobejas.

³² **Impresso de 1559**

Sargenta: **Agora de pouco a cá veo o doutor**, namorou-se desta Lucrécia... Finalmente, **meteu-me** neste trato...

Finalmente, meti-me neste trato, digo-lhe tantas de mentiras como palhas. Logo fui vistida e calçada, logo se mudou tudo. Ele é agora o que vive comigo.

Ms. H

Sarjanta: E assi já estava em perder antes quanto tinha servido que sofrer tal vida. Vai o bom de meu amo e namora-se desta Lucrécia que tanto gabam de fermosa. Entrei neste trato, logo fui vestida, logo fui forra e senhora de mim.

Impresso de 1561

Sargenta: Vem o velho e namora-se, logo fui vestida e privada.

Esta fala da personagem, que atinge o máximo de concisão no Impresso de 1561, não tem qualquer influência ao nível da intriga, mas dá conta da maneira de pensar, sentir e agir da moça de servir em relação ao seu amo. Daí que contribua para uma caracterização mais ou menos completa de Sargenta, consoante o seu grau de desenvolvimento. Outro exemplo do mesmo processo é:

(Acto III, Cena V)

Ms. AS

Guido: Navegámos por este mar estreito. Dũa parte há imigos mortais e da outra há imigos da fé polo qual são tantos os perigos que se vieram já a ter em pouco os das tromentas.

Ms. H

Guido: Navegamos por este mar estreito, de ãa parte há imigos mortais, doutra imigos da fé. São tantos os perigos deste tempo que os das tormentas é o que se agora estima menos.

Impresso de 1561

Guido: E mais neste tempo em que homem que no mar entra o menos que teme é o mesmo mar.

É necessário começar por referir que esta fala não existe no Impresso de 1559. À semelhança do que havíamos reparado em relação a Sargenta, também no caso de Guido, outra personagem secundária, se nota a tendência do texto do Impresso de 1561 para condensar certas falas, relacionadas, efectivamente, com a forma particular de pensar, sentir e agir de determinada personagem.

Também no que respeita a Lucrécia, figura sempre ausente, decalcada do modelo clássico (SILVA, 2006), as informações que nos chegam dela por via indirecta,

são mais escassas no Impresso de 1561 do que nos restantes testemunhos, como os exemplos abaixo atestam:

1) (Acto II, Cena I)

Ms. AS

Briobris: Nunca os meus olhos tal viram: alva como a neve, comprida, desposta.

Ms H

Briobris: Aqui as topei muitas em companhia, mas todas eram pera viver com aquela, ãa moça alva, comprida.

Impresso de 1561

Não se pode errar que não há outra em Palermo. Como, em Palermo? Como, em Palermo? Não há outra no mundo! Aqui achei, aqui perdi, aqui me perdi.

2) Acto II, Cena I

Ms. AS

Briobris: Os cabelos como fio d'ouro, os olhos grandes e pretos, que os meus não sofriam a sua craridade, assi como a do sol.

Ms H

Briobris: Os cabelos como fio d'ouro, uns olhos grandes, pretos, que não sofriam os meus sua claridade, assi como a do sol.

Impresso de 1561

Briobris: Os cabelos como fio d'ouro, os olhos verdes que eschamejavam...

3) Acto V, Cena III

Ms. AS

Devorante: Nô mais que ouvi-la gabar de fremosa e boa filha.

Ms H

Devorante: Não mais que ouvi-la gabar de fermosa e boa filha.

Impresso de 1561

Devorante: Não sei mais que ouvi-la por aí gabar de fermosa.

Em relação ao primeiro grupo de exemplos, verificamos que só no Impresso de 1561 foi suprimida a caracterização física de Lucrécia como *alva* e *comprida*, presente nos manuscritos. Quanto ao segundo grupo, a «veia» literária de Briobris é atalhada, mais uma vez, no Impresso de 1561, em que o poder dos olhos de Lucrécia é apresentado de forma mais sintética, quando comparada com a dos manuscritos; o terceiro conjunto de exemplos refere-se à ausência da caracterização de Lucrécia enquanto «boa filha» no Impresso de 1561.

Ainda a propósito de Lucrécia, devemos também chamar a atenção para as diferenças que existem numa carta sua, dirigida a Amente, na terceira cena do segundo acto:

Ms. AS³³

Cassiano: [...] «Não sei por que fazes tanto mal a ti e a mim». Bem me pudera também meter aqui esta moça se quisesa. «Que te perdes e eu não tenho outro interesse da tua perda senão ser muito às custas da minha honra». E da bolsa de seu pai, que esta não diz. «Polo qual não sei como cuidas de me obrigar no que fazes em tanto meu prejuízo e que nam farias se me algum bem quisesse». A rezão boa é, mas vem, todavia, per carta. Ah, molheres! Amente torna, joguei-lhe o jogo de cá virás, falando vem. Quero dessimular e tornar-lhe a carta onde a achei, não acabe de sair de seu siso, ainda que isto é fazer-lhe a provisão no fundo do saco.

Ms. H

Carta: Não sei por que fazes tanto mal a mim e a ti.

Cassiano: Bem me pudera aqui meter esta moça, se quisesa.

Carta: Que não tenho outro interesse da tua perda salvo ser muito às custas da minha honra.

Cassiano: E da bolsa de seu pai, que esta não diz.

Carta: Pelo qual não sei como cuidas de me obrigar no que fazes em tanto meu prejuízo e que não farias, se me algum bem quisesse.

Impresso de 1561

Cassiano: «Não sei por que folgas fazer tanto mal a ti e a mim». Bem me pudera esta moça também aqui meter no começo desta carta. «Que te perdes e não olhas com quanta perda minha, querendo-me obrigar co isso». Milagres são que as formosas fazem, a que se não pode dar razão. «Em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu». Mais pesa a seu aio e mais pesará a seu pai, quando o souber. «Olha que ainda se pode remediar tudo». Não a bolsa que trouvemos, que arqueja e tira quanto pode polo fôlego. «Disseram-me de tua parte que não querias mais que este meu desengano, aí o tens».

³³ **Impresso de 1559**

Cassiano:... Bem me pudera **meter** aqui esta moça se quisesa... Amente torna, joguei-lhe o jogo de cá **tornarás**, falando vem. Quero dissimular e tornar-lhe a carta onde a achei, não acabe de sair de seu siso, ainda que isto é fazer-lhe a provisão no fundo.

O facto mais interessante relacionado com esta epístola é o contrariar a tendência que assinalámos em relação ao Impresso de 1561 diminuir a caracterização de personagens secundárias. Com efeito, a versão mais longa da carta pertence a esta versão, com a introdução de três novos períodos. Se é verdade que a carta de Lucrécia contribui para a sua caracterização, também não é menos verdade de que estabelece um ponto de ordem na relação entre Lucrécia e Amente. Acresce dizer que esta é ainda um meio de atribuição indirecta de falas à personagem.

Acerca da versão da carta no Impresso de 1561, devemos acrescentar que está ligada a uma reestruturação da terceira cena do segundo acto, em que só Cassiano participa, pois nos demais testemunhos a mesma cena integra Amente, Devorante e Cassiano.

Briobris, o soldado fanfarrão, herdeiro directo do *Miles Gloriosus* do Plauto, também não goza de descrição física no Impresso de 1561, por oposição ao que acontece nos restantes testemunhos:

Ms. AS³⁴

Devorante: [...] Estes golpes que deste no peito em aspa, estes troçais d'ouro, estas franjas por toda a capa, os tufos por ãa parte e pola outra, tudo parece que ri, é graça que Deos dá às pessoas.

Ms H

Devorante: [...] Estes golpes que deste no peito em aspa, estes torçais de ouro que puseste no capelo da capa, estofos d'Holanda por ãa parte e pela outra, tudo parece que ri, é graça que Deos dá às pessoas.

Impresso de 1561

Ø

Em contrapartida, o tópico das “cartas de amores” é muito mais desenvolvido no Impresso de 1561, a propósito da capacidade de Briobris para conquistar Lucrécia, do que no Ms. AS, onde é meramente introduzido, e no Ms. H, de onde está ausente:

³⁴ **Impresso de 1559**

Devorante: Estes golpes que deste **nos peitos** em aspa, estes torçais d'ouro, estas franjas por toda a capa, os tufos por ãa parte e pola outra, tudo parece que ri, é graça que Deos dá às pessoas.

Ms. AS³⁵

Devorante: Que cousa será ver ãa carta d'amores tua.

Briobris: Ainda o sabes mal, que no campo não tinha muitas vezes vagar pera comer, por acudir a requerimentos d'amigos, uns queriam um prepósito, outros outro.

Impresso de 1561

Briobris: Não o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteceu não me darem somente vagar com requerimentos de cartas d'amores, uns a um propósito, outros a outro?

[...]

Briobris: E, assi dũas como doutras, os começos; que depois ãa palavra leva a outra, por ãa maneira nova que ora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais.

Ms H

Ø

Assim, não surpreende que só no Impresso de 1561 encontremos citações das cartas de amores da autoria de Briobris:

Impresso de 1561

Briobris: Nunca as guardo, mas lembra-me um começo, e dizia assi: «nas ondas destas lágrimas, que me levam assi na sua corrente, não tem estes meus olhos outro norte por que se rejam senão os teus».

Briobris: Os enganos, senhores da vontade, fazem o que querem de mim. E eu não quero acabar de entender o que entendo e fico assi como em mares encruzilhados, onde a força não esforça nem governa o governalhe

Briobris: Assi hão de ser os homens e não como estes frieirões, que não são peixe nem carne. Outra: «no meio dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meios, tal aviamento acho pera o meu desaviamento e tal esperança pera o cabo da desesperação».

Como se constata, o Impresso de 1561 faz inclusivamente referência à «maneira nova», aludindo às novas concepções literárias italianas, e introduz exemplos de cartas de amor que almejam um efeito cómico. Assim, se por um lado, o Impresso de 1561 suprime, por exemplo, descrições físicas de personagens e condensa falas de

³⁵**Impresso de 1559**

Briobris: Ainda o sabes mal, que no campo não tinha muitas vezes **lugar** pera comer, por acudir a requerimentos d'amigos, uns queriam um propósito, outros outro.

personagens secundárias, como mostrámos acima, por outro, desenvolve outros tópicos que contribuem, igualmente, para a construção das mesmas, como no caso de Briobris.

Ainda em relação a Briobris, todas as suas falas mais longas são encurtadas nesta versão, como os seguintes exemplos atestam:

1) Acto II, Cena I

Ms. AS

Briobris: Dir-te-ei o que passa. Ele era um homem baixo, filho dum serralheiro, que viera a valer por acertos de guerra. E um dia, falando-se em ditos meus, como sempre falavam, senti eu que os grosava ele, chamam àquilo de soticaça. Eu que fiz? Dessimuladamente, como quem não falava mais c'uns que c'os outros, disse que me ouvissem todos: «aos súpitos haveis-lhe de dar passada, ainda que não vão **tão** limados».

Ms. H

Briobris: Dir-te-ei o que passa: ele era um homem que viera a valer por acertos de guerra, mas seu pai fora serralheiro. E um dia d'ajuntamento, falando-se em ditos meus, entendi eu que grosava ele, caladamente. E que fiz? Dissimulei, como quem não falava mais com uns que c'os outros, disse: «os súpitos nunca podem ser muito limados».

Impresso de 1561

Briobris: Este capitão tocava no tribo de Judá e, como disse, tinha-me grande enveja, polo qual mastigava e grosava ditos meus que todos traziam na boca; polo qual eu a um propósito, não falando mais com ele que c'os outros, disse um dia «não se há aos súpitos de buscar a escama detrás a orelha»..

2) Acto II, Cena VII

Ms. AS³⁶

Briobris: Que mofino homem seria quem me agora anojasse, todo o nojo havia de ser do anojador. Por isso, venho a saber o que cá vai. Nô mais, ora o vejo, anda rastejando a moça por onde lhe disse. Falando está c'ũa velha, não há tal homem em Palermo, nisso falam. Bem está, ficam amigos, deram-se as mãos. Não pode homem entrar nestes portos sem pilotos da terra. Oh, Devorante, que tardada foi esta tua? Houve, pola ventura, homem tam atrevido em Palermo que te me anojasse? Se tal é, dize-mo e verás como se em si mil cento per um *accipiet*.

³⁶ **Impresso de 1559**

Briobris:... **Ora** o vejo **andar** rastejando a moça **onde** lhe disse. Falando está com ãa velha, nam há tal homem em Palermo, nisso **fala**. Bem está, **deram-se as mãos**... Houve, porventura, homem **em Palermo tam atrevido** que te me anojasse? Se tal é, dize-mo e verás como **me faço conhecer e como haverei por pouco pagar a cento por um**.

Ms. H

Briobris: Se aquele não é Devorante, morto é o outro, anda rastejando a moça por onde lhe disse. Não há tal homem em Palermo. Que tardada foi esta, Devorante? Houve, pela ventura, no mundo homem tão atrevido que te me anojasse? Se tal é, dize-mo e verás como se entende *centum per uno accipiet*.

Impresso de 1561

Briobris: Que detença foi esta? Houve quem te fizesse algum desprazer?

Os primeiros três excertos mostram como do Ms. AS até ao Impresso de 1561, a fala de Briobris se vai tornando menos desenvolvida, apesar de mesmo nesta versão apresentar alguma extensão. Já o segundo conjunto de falas ilustra bastante bem o alcance de síntese que o texto do Impresso de 1561 logra alcançar, com uma fala longa do Soldado, nos manuscritos, a ser reduzida a uma frase. Desta maneira, a personagem resulta menos palavrosa do que nos outros testemunhos, o que, no caso específico do Soldado, constitui facto assinalável, já que sobre ele até Devorante se viu compelido a afirmar: «És ãa fonte perenal de eloquência, nunca te acabarão d'esgotar».

Ainda no âmbito das personagens, e fazendo jus à senda de novidade traçada pelo Impresso de 1561, apenas neste testemunho a fala final da comédia surge associada à figura do Representador, pois nos demais a fala é atribuída a Devorante, inclusivamente no Impresso de 1559. O Representador é figura característica do teatro do século XVI português, surgindo as mais das vezes como prelúdio antes da acção principal. De um *corpus*, que integra desde textos anónimos a *El Rei Seleuco* de Luís de Camões e as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, não encontramos nenhuma ocorrência do representador a 'fechar' o texto, como acontece nesta versão da comédia d'*Os Estrangeiros*³⁷.

³⁷ Para a leitura e pesquisa dos textos do *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI*, utilizámos a edição electrónica levada a cabo pelo Centro de Estudos de Teatro, disponível em www.cet-e-quinheiros.com

8. O decalque literário: expressões latinas, citações, provérbios

8.1 Expressões Latinas

Neste capítulo cabe-nos o levantamento e a análise de exemplos num domínio específico, que colocamos sob a alçada do literário. As referências eruditas e as populares, não directamente relevantes para a intriga, podem ajudar a perspectivar em que medida as diferentes versões das comédias as promovem ou relegam e em que medida isso as define. A par com uma caracterização mais ou menos desenvolvida das personagens, tópico já analisado (cf. 7 - Personagens), a informação aqui recolhida fornece dados acerca de versões mais literárias, em que se reflecte um maior ecletismo no que se dá a ler, e menos literárias, aquelas em que a primazia da *imitatio* mais se faz sentir.

Começamos pelas expressões latinas, sendo que é no Ms. AS que existem em maior número, seguido pelo Ms. H e em terceiro lugar, apenas com cerca de metade das expressões relativamente ao Ms. AS, surge o Impresso de 1561 (cf. ANEXO 1). Só encontramos uma expressão latina que esteja em todos os testemunhos, presente numa fala de Calídio - «*in agibilibus*» -, na quinta cena do terceiro acto. Todas as demais variam consoante as versões, mas constatamos que uma parte significativa é partilhada entre o Ms. AS e o Ms. H, como os próximos exemplos atestam:

1) (Acto II, Cena VII)

Ms. AS

Briobris: Se tal é, dize-mo e verás como se em si mil cento per um *acipietis*

Ms. H

Briobris: Se tal é, dize-mo e verás como se entende *centum per uno accipiet*

2) (Acto III, Cena II)

Ms. AS

Petrónio: *Intempestivi funduntur vertice cane et dolor etatem jusit in esse suam.*

Ms. H

Petrónio: *Intempestivi funduntur vertice cani.*

3) (Acto III, Cena III)

Ms. AS

Petrônio: É verdade. Porém *non referet*, porque *genus masculinum de juri concepit femininum*.

Ms. H

Petrônio: Não faz mais assi que assi, porque dizem os nossos textos que *genus masculinum concipit foemininuma sunt jura vulgaria*

4) (Acto III, Cena III)

Ms. AS

Petrônio: [...] o que *ja otinuit in facti contingencia*.

Ms. H

Petrônio: [...]o que já defendi *in facti contingentia*.

5) (Acto III, Cena V)

Ms. AS

Petrônio: [...] *per mare pauperium fugens per saxa per igneis*

Ms. H

Petrônio: *Per mare pauperiem fugiens per saxa per ignes*

A partilha de expressões latinas entre os manuscritos nem sempre implica ocorrências *ipsis verbis*, como estes exemplos mostram. Pelos exemplos 1 e 4 vemos que o Ms. H traduz uma parte da expressão latina; por outro lado, pode ocorrer redução daquela, como no segundo exemplo, ao encontro da tendência sintética que temos vindo a salientar, ou, menos expectável, completar uma expressão latina, como no terceiro exemplo.

A par com as expressões partilhadas, também não é menos verdade que cada testemunho tem expressões exclusivas:

Ms. AS

Petrônio: [...] *vir sapiens dominabitur astris*

Petrônio: [...] *omnium rerum vincissitudo est*

Petrônio: Porém, ãa concrusão é certa, que a ciência pertence ao esprito e não ao corpo, donde infirem os nossos doutores *notabiliter est communis opinio*, que se não pode doutorar um homem morto.

Petrônio: Dessas pode homem dizer co aquele divino poeta: *per mare pauperium fugens per saxa per igneis*.

Ms. H

Petrônio: *Nulla amor qui vincat paternum* [Acto III, cena I]

Petrônio: *Quot capita tot sententiae* [Acto III, cena III]

Impresso de 1561

Calidio: Dous toques de trovas d'improviso que tens nisto *gracia gratis data*. (Acto II, Cena VI)

Petrônio: *Tempus edax rerum tu que o invidiosa vetustas. Omnia consumitis*. (Acto III, cena I)

Petrônio: [...] senão pardieiros e campos *ubi Troia fuit*. (Acto III, cena I)

Petrônio: Certo os homens não deviam de falar nas cousas do mundo senão despois de muita infinda experiência, que, segundo o filósofo, *est mater rerum*

Petrônio: *Qui ascendunt mare, in navibus, viderunt opera eius* e, por isso, as nossas leis seis meses do ano defendem a navegação

Note-se que, em todos os testemunhos, é Petrônio quem usa quase todas as expressões latinas, o que está de acordo com a sua caracterização na comédia, uma vez que é um doutor, e, por conseguinte, erudito. Todavia, também encontramos, no Ms. AS, uma expressão numa fala de Briobris, soldado espanhol que se quer fazer passar por erudito, e outra, no Impresso de 1561, numa fala de Calídio. Tendo em conta a caracterização destas personagens, estas ocorrências não seriam expectáveis. No Ms. H, pelo contrário, as expressões latinas são atribuídas exclusivamente a Petrônio e Guido, seu irmão.

Algumas expressões latinas usadas provêm de diversas fontes: os textos bíblicos, Horácio, Ovídio, Vergílio, Sêneca.

A presença deste tipo de expressões e referências remete de forma directa para a filiação do texto de Sá de Miranda na comédia clássica, que se reflecte também na intriga amorosa e no elenco de personagens. Na verdade, este aspecto, da influência da comédia clássica na mirandina não foi alvo de análise nos capítulos seis e sete, respectivamente Intriga e Personagens, porque este é um denominador comum, porventura o maior, entre as diferentes versões da comédia. Deste modo, de todas as variantes por nós encontradas, nenhuma desmente o facto, assumido pelo próprio Sá de Miranda, em carta ao Infante Dom Henrique, de a comédia «querer às vezes arremedar Plauto e Terêncio».

8. 2 - Citações e Referências eruditas:

Em relação às citações e referências eruditas, em português, apenas uma, Hércules e os seus trabalhos, é comum aos diferentes testemunhos:

(Acto II, Cena I)

Ms. AS

Devorante: E de Hércules já ouvirias de como o fez fiar ãa mulher moça e dar-lhe contas de suas maçarocas

Ms. H

Devorante: E de Hércules, já sabes que ua mulher o fez debar e fiar e dar-lhe conta das suas maçarocas

Impresso de 1561

Devorante: São obras do amor, que já fez a Hércules, conquistador do mundo, fiar e debar

O número de citações e referências eruditas aproxima-se mais nos três testemunhos, quando comparado com o das expressões latinas (cf. ANEXO 2). No entanto, também neste caso encontramos exemplos exclusivos:

Ms. AS

Cassiano: Não fora melhor deitar essa riqueza ao mar, como fez o outro filósofo vão?
(Acto I, cena II)

Petrônio: A quem a ela Deos der, segundo a fama, bem creio que pode dizer co' a
escretura: achei molher segundo o meu coração. (Acto III, Cena III)

Devorante: Eu, conquanto, creio mais nas palavras do Evangelho que nas daquele tal.
(Acto IV, Cena IV)

Devorante: Deixem-me viver, disse o outro que se temia, e matem-me quando quiserem,
que foi melhor dito que nenhum dos do meu soldado. (Acto V, Cena VI)

Ms. H

Amente: Ter-me-ias companhia e, como disse o outro, morreríamos na batalha. (Acto
IV, Cena IV)

Impresso de 1561

Briobris: E assi aconteceu a Roldão e Reinaldo. (Acto II, Cena I)

Devorante: Que mais poderá dizer um Mancias. (Acto II, Cena I)

Devorante: Lá se avenham, que eu não me mantenho d'«olhos verdes, quando me
veredes». (Acto II, Cena II)

Devorante: Que negra consolação, principalmente pera as belas mal maridadas. (Acto
III, Cena III)

Petrônio: Assi podemos dizer co aquele nosso grande Justiniano, *noctes ducimus
insomnes*. (Acto III, Cena III)

Petrônio: Oh, línguas de serpentes, escrevendo ele tão altamente *De Summa Trinitate e
Fide Catholica*. (Acto III, Cena III)

Nota-se um certo ecletismo nas citações escolhidas. As fontes são diversas:
textos bíblicos, da tradição oral, como o *romance da Bella Mal Maridada*, obras
contemporâneas do autor, como o *Orlando*, de Ariosto, e figuras históricas, etc.

Também é de apontar a maior abrangência de personagens da comédia que fazem alusões a estas referências: no Ms. AS temos Cassiano, Petrônio e Devorante; no Ms. H, Amente; e no Impresso de 1561, Briobris, Devorante e Petrônio. Notemos, contudo, que as referências mais ou menos eruditas parecem variar de acordo com o estatuto da personagem: por exemplo, Petrônio é mais erudito, Devorante mais popular, Briobris é caracterizado como teorizador da literatura no Impresso de 1561 (cf. Cap. 7 - Personagens).

No entanto, surpreende que o maior número de exemplos exclusivos pertença ao Impresso de 1561, a versão mais sintética da comédia, em que a caracterização das personagens é menos detalhada e em que a intriga acaba por ser a grande beneficiada. Assim, quer este facto quer o de o número de citações no Impresso de 1561 se aproximar do do Ms. AS e do Ms. H são elementos que não estão em consonância com a ideia do Impresso de 1561 enquanto versão menos “cuidada” ao nível do literário.

8.3 – Provérbios

Vários provérbios de origem portuguesa e espanhola estão presentes nas três versões d’*Os Estrangeiros*. Segundo Giuseppe Tavani (1988), este facto constitui uma das principais marcas nacionais na construção da comédia, como forma de aproximar os novos modelos literários, em voga por Itália, e a mentalidade literária existente em Portugal, assente, em grande parte, no teatro vicentino. Contudo, não é de descartar que os modelos espanhóis da comédia tenham, de algum modo, concorrido para a abundância deste tipo de fraseologia. Basta recordarmo-nos, entre outras, das *Celestinas*, *Sepúlveda*, etc., que marcaram, por exemplo, as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

À semelhança do que já acontecia com as citações e referências eruditas, também em relação aos provérbios, constatamos que ocorrem em número aproximado nas três versões, destacando-se, no entanto, o Ms. H como o testemunho em que mais abundam (cf. ANEXO 3).

Porque a maioria deles, ocorre, ainda que com variantes, nas três versões, importa, sobretudo, destacar os exemplos exclusivos de cada um deles:

Ms. AS

Calídio: Nam entra per i o gato às filhós. (Acto III, Cena III)

Ms. H

Cassiano: [...] onde o apetite chega, leva couro e cabelo. (Acto I, Cena IV)

Devorante: Ao bom dissimular chamam Sancho. (Acto II, Cena II)

Devorante: São favas contadas. (Acto III, Cena III)

Cassiano: [...] por isso dizem que mais asinha se torna um mentiroso que um coxo. (Acto IV, Cena II)

Calídio: [...] quem canta seus males espanta. (Acto IV, Cena IV)

Devorante: [...] parece-me que achou forma de seu pé. (Acto V, Cena III)

Impresso de 1561

Calídio: Bem me parecia que dali vinha a tosse ao gato. (Acto II, Cena VI)

Calídio: Não sabes tu aquele dito tão verdadeiro: que o homem ou havia de ser rei ou doudo? (Acto IV, Cena II)

Calídio: O homem há de ser calejado pera correr o mole e o duro. (Acto IV, Cena V)

É de apontar que, em todas as versões, os provérbios exclusivos estão atribuídos a personagens com um estatuto social mais baixo – Cassiano, Calídio e Devorante. Se, por um lado, no Ms. H, predominam Cassiano e Devorante com expressões proverbiais, no Impresso de 1561, eventualmente pelo facto de o texto ser mais reduzido, é Calídio a personagem que mais uso faz da paremiologia.

Outro dado a considerar é que, embora encontremos ocorrências comuns ao Ms. AS e ao Ms. H, que não são contempladas no Impresso de 1561, não há nenhum provérbio ou aforismo que seja apenas comum ao Ms. H e ao Impresso de 1561.

Devemos, igualmente, chamar a atenção para a circunstância, algo inesperada, de serem as versões mais sintéticas, o Ms. H e o Impresso de 1561, a apresentarem mais provérbios e aforismos exclusivos, por comparação com o Ms. AS.

Em síntese, o levantamento de material literário – expressões latinas, citações e provérbios – pôs em evidência a “preferência” do Ms. AS pelas expressões latinas, o maior número de exemplos exclusivos de citações e referências eruditas no Impresso de 1561 e o maior número de ocorrências de provérbios e aforismos no Ms. H. A primeira destas constatações era por nós esperada, uma vez que o Ms. AS é o testemunho mais extenso e aquele que mais desenvolve personagens e intriga; as restantes parecem-nos algo dissonantes pelo exercício de redução de que são exemplos, sobretudo no Impresso de 1561.

9. A censura

Neste capítulo faremos o levantamento de diferenças entre testemunhos que se podem dever à intervenção de instâncias censórias, quaisquer que elas sejam, não pondo nunca de lado a hipótese de nos encontrarmos, nalguns casos, perante manifestações de 'auto-regulação', chamando a atenção para regularidades na ausência de determinados vocábulos ou expressões nos Impressos de 1559 e 1561. Note-se, no entanto, que apenas o de 1559 regista o facto de ter sido «Com licença impressa», não especificando, contudo, as instituições que lhe conferiram a faculdade.

Acerca desta questão Camões e Carlos (2006: 24) tiveram oportunidade de afirmar:

O valor do manuscrito ultrapassa o de uma errata. O cotejo dos dois textos denuncia uma intervenção censória nas comédias de Sá de Miranda anterior à data geralmente indicada para tal, tendo-se por adquirido que só na impressão de 1622 a censura eclesiástica se fez sentir. Numa primeira análise encontram-se intervenções no nome de Deus e noutras referências religiosas, que podem ser da responsabilidade do próprio João de Barreira, impressor dos frades da Universidade.

Seguem-se, a esta afirmação, alguns exemplos de possível censura entre o Ms. AS e o Impresso de 1559. O nosso propósito, neste capítulo, é acrescentar eventuais acções de qualquer tipo de censura, presentes, também, nos demais testemunhos da comédia.

1) (Acto II, Cena II)

Ms. AS

Devorante: Trabalhoso ofício é este nosso, não muda mais vezes a **regra de sam Francisco os seus frades que nós a nossa.**

Impresso de 1559

Cassiano: Trabalhoso ofício é este nosso, nam muda mais vezes a **regra um navio que nós a nossa.**

Ms. H

Ø

Impresso de 1561

Cassiano: Trabalhoso ofício este nosso, que tem sempre o mantimento em mãos alheas.

2) (Acto II, Cena II)

Ms. AS

Devorante: É amado e temido **como Deos**.

Impresso de 1559

Devorante: É amado e temido juntamente **como um rei**.

Ms. H

Ø

Impresso de 1561

É amado, é temido **como Deos**.

3) (Acto II, Cena V)

Ms. AS

Calídio: Havia mester que tivesse homem Deos mais a seu mandar pera concertar tantas cousas impossíveis.

Impresso de 1559

Calídio: Havia mester que tivesse homem Deos por si pera concertar tantas cousas impossíveis.

Ms. H

Ø

Impresso de 1561

Ø

4) (Acto III, Cena V)

Ms. AS

Petrónio: Não me fales naqueles **clérigos livres, ricos e ociosos**

Impresso de 1559

Petrónio: Não me fales naqueles **ricos, ociosos, livres**.

Ms. H

Não me fales naqueles **clérigos tão ricos e tão ociosos**, que eu não cuido que Deos, com toda sua paciência, os possa sofrer muito tempo.

Impresso de 1561

Não me fales naquele **povo rico, livre e ocioso**.

5) (Acto IV, Cena II)

Ms. AS

Cassiano: **Santos** há i que se não querem senão por mal.

Impresso de 1559

Cassiano: **Pessoas** há i que se nam querem senam por mal.

Ms. H

Ø

Impresso de 1561

Ø

6) (Acto IV, Cena VI)

Ms. AS

Calídio: Isto não é já procurador, mas é meu pai e **meu Deos**

Impresso de 1559

Este nam é já meu procurador, mas é meu pai e **meu bem todo**.

Ms. H

Isto não é já procurador, mas um pai.

Impresso de 1561

Isto não é já procurador, isto é meu pai e **meu Deos**.

Perante estes exemplos, conjecturamos a acção da censura a incidir sobre referências directa ou indirectamente ligadas à doutrina religiosa, como o uso do nome de Deus e a alusão a figuras religiosas (“clérigos”; “frades”; “santos”). De um modo geral, a utilização de vocábulos e expressões de sentido religioso estavam sob a alçada da censura. Com efeito, os sucessivos Índices Expurgatórios vão especificando cada vez mais o modo como o teatro poderia lidar com a Igreja até chegar ao ditame de 1624:

E geralmente quaisquer autos, comédias, tragédias, farsas desonestas, ou onde entram pessoas eclesiásticas indecentemente, ou se representa algum sacramento, ou acto sacramental, ou se repreendem e vituperam as pessoas que frequentam os sacramentos e as igrejas, ou se faz injúria a alguma ordem ou estado aprovado pela Igreja.

Neste contexto de repressão acima delineado, e tendo em conta o que os exemplos já apresentados deixam perceber, é ainda mais interessante notar que, de entre as parcelas censuradas e alteradas no Impresso de 1559, uma mantém-se no Impresso de 1561: «Não me fales naqueles clérigos tão ricos e tão ociosos». À partida, surpreende que a censura não se tenha feito sentir, mas a continuação da fala, nesta versão, alude à infinita paciência divina, o que pode ter funcionado como atenuante.

A hipótese de o próprio Cardeal Dom Henrique ter “censurado” o Impresso de 1561, levou Mendes dos Remédios (1930: 16) a manifestar-se da seguinte maneira:

Porque havemos de dizer que o Cardial fez ou mandou fazer cortes nas Comedias? Por serem apodadas pelos coevos de «mais licenciosas» que as restantes obras do Poeta? Basta lembrarmo-nos da edição príncipe dos *Lusiadas*, da dos *Autos* de Gil Vicente, da do *Cancioneiro Geral* de Resende e, afinal, das próprias *Comedias* de Miranda e de Ferreira, para reconhecermos que ao tempo a censura não tinha o rigor que se lhe supõe e depois veio a ter. Licenciosas, isto é, mais livres, como era próprio do género, mas não imorais³⁸.

Também nos parece difícil defender que o Cardeal «fez ou mandou fazer cortes» no texto, por intuito censório, dado que a redução no Impresso de 1561 é geral e recorrente, excedendo em muito as referências de índole religiosa e moral. Acresce dizer que a análise levada a cabo neste trabalho leva a crer numa certa coerência dos cortes efectuados, no âmbito dos quais muitos elementos supérfluos à intriga foram simplesmente removidos.

Assim, na sequência do já defendido por Camões e Carlos (2006), parece-nos que, de facto, a acção censória interveio antes de 1622, ano em que, pela primeira vez, é publicada a edição conjunta das duas comédias de Sá de Miranda, a par das duas de António Ferreira (*Comédias famosas portuguesas dos Doutores Francisco de Sá de Miranda e António Ferreira*, impressas por António Alvarez), uma vez que quer no Impresso de 1559 quer no de 1561 encontrámos evidências nesse sentido.

³⁸ REMÉDIOS, Mendes dos, 1930, *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

10. O Impresso de 1561: proximidade com os manuscritos

O Impresso de 1561 tem sido o único testemunho alvo de edição moderna. Lapa (1937) fez uma edição integral das comédias, servindo de modelo para as posteriores edições parciais (Benedito, 1989). Com base nas informações históricas presentes no Impresso e ausentes nas outras versões, aquele tem sido considerado a última versão da comédia, como indica Earle (1997: 11):

it is not widely known that the Play exists in two versions (both published after the playwright's death in 1558). A comparison between them shows that Sá de Miranda must have completed the comedy earlier than the date normally attributed to it. He finished it, not after his return to Portugal, but in 1523 or 1524, while still in Italy. In the second published edition, of 1561, there are references to political events of 1523 which are not mentioned in the first edition of 1559. The events concerned are the fall of Rhodes to the Turks (1 January) – in the 1559 edition the siege seems to be still in progress – and the coming of a Florentine pope (Clement VII) to Rome, in November of the same year. No event occurring later than these is referred to in either version, which strongly suggests that he completed his revisions shortly after November 1523 and brought the play up to date.

Não nos cabe, neste capítulo, afirmar ou negar que o Impresso de 1561 é, de facto, a última versão, pois carecemos de dados para tal conclusão. Pretendemos, todavia, na hipótese de uma cronologia segundo a qual o Ms. AS seria a primeira versão, o Ms. H uma intermédia e o Impresso de 1561 a última, fazer um levantamento dos elementos textuais que são partilhados exclusivamente por cada um dos manuscritos e o Impresso. Com este levantamento, apesar de não respondermos à questão da cronologia, podemos tentar perceber qual a proximidade entre as versões.

Como temos vindo a defender ao longo deste trabalho, o Impresso de 1561 apresenta uma lição com muitas variantes em relação aos restantes três testemunhos, com muitas falas a sofrerem alterações. Há, todavia, exemplos que revelam uma proximidade entre o Impresso de 1561 e Ms. AS e outros comuns ao Impresso de 1561 e Ms. H. São estes últimos que apresentamos primeiro, contemplando também o texto correspondente (ou ausente) do Ms. AS, de modo a pôr em maior evidência a relação entre o Ms. H e o Impresso de 1561:

1) (Acto I, Cena I)

Ms. H

Amente: A minha sombra não vai comigo pelo escuro, tu si [...].

Impresso de 1561

Amente: Essa não me segue polo escuro e tu si.

Ms. AS³⁹

Amente: A minha sombra não vejo eu a certos tempos e a ti nunca deixo de ver.

2) (Acto I, Cena IV)

Ms H

Cassiano: Se esta moça verdade conta, empresto eu uns poucos de maus dias a meu criado Amente

Impresso de 1561

Cassiano: Se esta moça verdade conta, empresto eu a nosso amigo uns poucos de maus dias com suas noites.

Ms. AS

Cassiano: Se nos esta verdade conta, mando eu a meu criado, Amente, dar voltas embalde.

3) (Acto III, Cena III)

Ms H

Devorante: Enfim, como dizem, sofredores vencem. Quando a casa cheguei, tudo estava prestes. Nosso amigo tinha bebido à minha revelia, começou logo a contar suas proezas

Impresso de 1561

Devorante: Enfim, quis-me Deos dar sofrimento. Quando cheguei, achei tudo prestes. O soldado bebera já à minha revelia, então começou a contar das suas façanhas

Ms. AS⁴⁰

Devorante: Enfim, sofredores vencem. Ainda que já era tarde jantei como um rei, nosso amigo Briobris tinha bebido a minha genebra, começou a contar suas proezas

³⁹ **Impresso de 1559**

Amente: A minha sombra não vejo eu a certos tempos e a ti nunca **te** deixo de ver

⁴⁰ **Impresso de 1559**

Devorante: Enfim, sofredores vencem **tudo**. Ainda que já era tarde jantei como um rei, nosso amigo Briobris tinha bebido, **já ele vertia e começou de contar suas perlongas**

4) (Acto V, Cena VII)

Ms H

Devorante: Dai-o ao diabo, que assi sabe o que diz.

Impresso 1561

Devorante: Dai-o ao diabo, que inda fala a propósito.

Ms. AS

Ø

Pelas falas transcritas, percebe-se que não são muitos os casos em que o Impresso de 1561 e o Ms H se cruzam com evidência. Contudo, o facto de partilharem texto parece comprovar uma ligação entre as duas versões, já conjecturada por Camões e Carlos (2006: 26): «... a existência de uma 3ª versão do texto de *Os Estrangeiros* de que Ms H é testemunho. Se é verdade que em termos de extensão, o texto se aproxima do Ms. AS e de 1559, a verdade é que apresenta já uma frase, a segunda, que só figura no texto de 1561».

De seguida, passamos a apresentar “denominadores” comuns entre Ms. AS e o Impresso de 1561, não excluindo, desta feita, o texto correspondente (ou ausente) no Ms. H, mais uma vez para sublinhar as semelhanças:

1) (Acto I, Cena V)

Ms. AS

Dório: Não que eu saiba, salvo se era ir a casa de Betrando, e já lá não vou, no que recebi aquela perda que Deos sabe.

Impresso de 1561

Dório: Não me sei afirmar, mas pode ser que por ir à casa de Betrando, onde já não vou, no que recebi a perda que Deos sabe.

Ms H

Dório: Porque vou a casa de Bertrando.

2) (Acto II, Cena I)

Ms. AS

Briobris: Ainda o sabes mal, que no campo não tinha muitas vezes vagar pera comer, por acudir a requerimentos d'amigos, uns queriam um prepósito, outros outro.

Impresso de 1561

Briobris: Não o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteceu não me darem somente vagar com requerimentos de cartas d'amores, [12'] uns a um propósito, outros a outro?

Ms H

Ø

3) (Acto II, Cena I)

Ms. AS

Briobris: Nunca fiz cousa de que me arrependesse. Fica e tem cuidado.

Impresso de 1561

Briobris: Nunca fiz cousa de que me arrependesse.

Ms H

Ø

4) (Acto II, Cena II)

Ms. AS

Devorante: A que tempo me trouxe Deos este soldado às mãos, muitas graças lhe dou, que não achava já aqui quem me desse ãa só vez d'água. Assentava-me sobre ãa pedra e estava dando ao papo como francelho manso, cuidando todo o dia pera donde tomaria o voo. Neste mundo tudo é começos e novidades. Como te hão em costume logo arrefeces, nos primeiros dias vai o que vai. Trabalhoso ofício é este nosso, não muda mais vezes a regra de sam Francisco os seus frades que nós a nossa.

Impresso de 1561

Devorante: A que tempo me Deos deparou este soldado, que não achava já aqui ãa vez d'água. Neste mundo tudo são começos. Foi-me bem uns dias, agora andava já às moscas. Cada tarde me assentava sobre um penedo a divisar dali o mundo e dando ao papo como [14] francelho manso, olhando pera onde tomaria o voo. Trabalhoso ofício este nosso, que tem sempre o mantimento em mãos alheas.

Ms H

Ø

5) (Acto II, Cena VI)

Ms. AS

Calídio: Vaso mau nunca quebra!

Impresso de 1561

Calídio: Vaso mau nunca quebra!

Ms H

Ø

6) (Acto II, Cena VI)

Ms. AS

Devorante: Folgo eu logo bem pouco d'achar a ti. Este me dirás tu que não é dia aziago?

Impresso de 1561

Devorante: Este me direis vós a mim que não é dia aziago?

Ms H

Devorante: Folgo eu logo mui pouco.

7) (Acto II, Cena VII)

Ms. AS

Briobris: Não sei se sabes como jogueto d'arcabuz.

Devorante: Sabem-no teus imigos.

Impresso de 1561

Briobris: [...] Nem saberás como eu jogueto d'arcabuz.

Devorante: Saibam-no teus imigos.

Ms H

Ø

8) (Acto II, Cena VII)

Ms. AS⁴¹

Devorante: Assi diz o povo que nunca viu melhor feito d'homem.

Briobris: Nem de dez.

Devorante: Nem de vinte!

Impresso de 1561

Devorante: Assi diz o povo que nunca viu melhor feito de um homem só.

Briobris: Nem de dez.

Devorante: Nem de vinte!

Ms H

Ø

⁴¹ **Impresso de 1559**

Devorante: Assi **disse** o povo que nunca viu melhor feito de homem.

9) (Acto IV, Cena IV)

Ms. AS⁴²

Petrônio: O homem, do dia que nasce até à morte, não faz maior cousa que a do seu casamento, se o bem cuida. Se compras um cavalo manco ou um escravo doente há seiscentas leis que te socorram, perdendo-se nisso quatro réis. Na tua mulher, em que está tua honra toda, e de teus filhos, e que é a outra ametade da tua alma e do teu coração, se ta erraram e não vem certa, aqui calaram as leis e não há remédio nenhum. Por isso, estive assi tanto tempo, nem cuidava nunca em me casar que não fosse posto em agonia e suasse goteiras de sangue.

Impresso de 1561

Petrônio: Dês que homem nasce 'té que morre não trata cousa de mor peso que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão levemente. Grande feito, que se te vendem um rocim manco ou ãa mula maliciosa, logo i são mil leis a te ajudar e tem procuradores tanto que dizer e alegar; e na tua mulher, por quem deixamos os pais e as mães, ali nos desempara tudo e só a morte pode ser boa, pelo qual estive tanto tempo solteiro.

Ms H

Ø

10) (Acto III, Cena III)

Ms. AS

Petrônio: Em fome fala, nam é tempo de práticas, que se enviara a mim aos dentes.

Impresso de 1561

Petrônio: Fome ou quê? Não é pera o esperar, que se inviaria aos dentes.

Ms. H

Petrônio: Não sei que diz de fome, se inda não tem jentado não me poderei hoje espedir dele.

11) (Acto IV, Cena VI)

Ms. AS⁴³

⁴² **Impresso de 1559**

Petrônio: O homem do dia que nasce até à morte nam faz maior cousa que a **do casamento**, se o bem cuida. **E** se compras um cavalo manco ou um escravo doente há **i** seiscentas leis que te socorram, **perdendo** nisso quatro réis. **Ora** tua mulher, em que está tua honra toda, e de teus filhos, e que **é outra** ametade de tua alma e do teu coração, se ta **erram**, nam vem certa, aqui calaram as leis e nam há **i** remédio nenhum.

⁴³ **Impresso de 1559**

Galbano: Segundo me disseram que Amente cada vez ia pera pior, houve medo que todo outro remédio **nam abastasse**. **É moço** sem mal, veo ter a terra perigosa, que nam aposentaram cá os poetas as **sereas** sem causa.

Galbano: Segundo me disseram que Amente cada vez ia pera pior, houve medo que todo outro remédio não abastasse. E ainda este mande Deos que abaste. É moço sem mal, veo ter a terra pirigosa, que não aposentaram cá os poetas as suas sereas sem causa.

Impresso de 1561

Galbano: Houve medo, algum mau recado, que nesta terra aposentaram os poetas as suas sereas.

Ms. H

Galbano: Assi acontece muitas vezes. É moço, custara-lhe pouco a ganhar o dinheiro que trazia, a terra a que veo ter ajudou também o seu quinhão.

12) (Acto IV, Cena V)

Ms. AS

Galbano: Não é como cuidas, tudo isso é já passado a Portugal.

Impresso de 1561

Galbano: Tempo foi, já tudo isso é passado a Portugal.

Ms H

Ø

Assim, o Impresso de 1561 reúne, por um lado, exemplos textuais que o aproximam do Ms. H, o que vai ao encontro do defendido por Camões e Carlos (2006) de que o Ms. H é versão que medeia entre o Ms. AS e o Impresso de 1561 e, por outro lado, exemplos somente comuns ao Ms. AS, o que, de acordo com a hipótese referida, não seria esperável. O levantamento realizado permite problematizar esta questão, alimentando a especulação sobre a existência de outro(s) testemunho(s) entre o Ms. AS e o Impresso de 1561 que possam explicar estas ocorrências.

Deste modo, se à semelhança de Earle (2006: 11) quisermos alegar que «Através de uma examinação das duas versões d'*Os Estrangeiros* e da única versão d'*Os Vilhalpandos*, escrita mais tarde, vê-se como a concepção mirandina do drama evoluiu da retórica da primeira fase para uma teatralidade mais genuína», vamos ter de admitir que o caminho em direcção à teatralidade não foi linear.

Conclusões

O objectivo principal do nosso trabalho foi fazer um levantamento sistemático de diferenças entre os quatro testemunhos escolhidos da comédia d'*Os Estrangeiros*. Não pretendemos que este levantamento fosse exaustivo, mediante as limitações formais que a dissertação impõe, mas, acima de tudo, permitir uma primeira organização sistemática de diferenças entre as versões, tentando, a partir desta, extrair algumas conclusões e abrir caminho a futuras investigações sobre o objecto.

Perante este objectivo, tratava-se, em primeiro lugar, de tentar perceber se as alterações verificadas ao longo das versões sobrepunham, de alguma forma, linearidade ou arbitrariedade.

Não obstante o teatro mirandino não ser alvo constante do interesse dos investigadores, a bibliografia que usámos, em especial a de Thomas Earle e a de José Camões, levantam diversas questões relacionadas com a composição da comédia, com a filiação das versões, com a censura e com reescrita evidente nos testemunhos e seus respectivos intervenientes.

Tentámos, ao longo deste levantamento de diferenças, dar um pequeno contributo para a descoberta de respostas satisfatórias. Sabemos, contudo, que os dados recolhidos não são suficientes para levar a cabo a tarefa de responder concretamente a determinadas questões que continuarão em aberto.

Pretendemos, também, perceber quais os «processos» de reescrita mais recorrentes entre as versões. Concluímos, perante a recolha e análise feitas, que a reescrita se processa sob três vertentes: redistribuição, redução e expansão textuais. Não podemos afirmar que todas as alterações sejam unicamente da responsabilidade de Francisco de Sá de Miranda. Infelizmente, a análise não nos permite indicar com certeza que outros intervenientes assumiram essa tarefa. Podemos, contudo, afirmar que há uma tendência reducionista do Ms. AS para o Ms. H e deste para o Impresso de 1561. Carecemos de dados para sabermos qual a cronologia das versões, mas podemos afirmar, na senda do que Camões e Carlos já haviam indicado, que há uma ligação entre o Ms. H e o Impresso de 1561, cujos textos partilham elementos que se afastam dos do Ms. AS. Afigurou-se surpreendente, no entanto, a semelhança significativa de

elementos textuais entre o Ms. AS e o Impresso de 1561, excluídos do Ms. H, que pode levantar a questão sobre a existência de outros testemunhos intermédios entre as versões que expliquem esta recorrência aparentemente arbitrária.

É importante referir, ainda, que a reescrita é muito mais notória no Impresso de 1561 do que nos manuscritos, os quais partilham uma grande semelhança, mas igualmente que cada um dos testemunhos apresenta texto exclusivo.

A aproximação textual entre o Ms. AS e o Impresso de 1559, na senda do que outros investigadores já tinham verificado, conduziu-nos a uma outra questão: a censura. Embora oficialmente não tenha havido censura nas comédias mirandinas, segundo os *Índices expurgatórios*, antes de 1624, deparámo-nos com algumas situações que pareciam evidenciar uma acção censória no texto do Impresso de 1559 e, por conseguinte, dedicámos um capítulo a essa análise, alargando-a, todavia, aos outros testemunhos. Concluímos que, de facto, parece ter havido censura, especialmente no Impresso de 1559.

O nosso estudo incidiu também sobre dois aspectos importantes da comédia: a intriga e a caracterização das personagens. Foi a estes dois campos que dedicámos dois capítulos, tentando estabelecer quais os principais traços distintivos dos testemunhos. Concluímos que o texto do Impresso de 1561 é o menos caracterizador das personagens e que, não obstante dar predominância ao desenvolvimento da intriga, esta nem sempre está construída com completa correcção, afastando-se, também, em determinados aspectos, das informações presentes nos outros testemunhos.

Dado que as comédias mirandinas têm por base os modelos clássicos e, mais precisamente, os modelos italianos do século XVI (SILVA, 2006), e que um dos seus elementos é a recorrência a citações e referências eruditas, procedemos ao levantamento destes elementos na comédia d'*Os Estrangeiros*, concluindo que o Ms. AS é, também pela sua extensão, a versão que mais apresenta expressões latinas, mas, com alguma surpresa, é o Impresso de 1561 que mais contém referências literárias, não constituindo um argumento a favor da hipótese de se tratar de uma versão para palco (CAMÕES, CARLOS, 2006). Por outro lado, Tavani (1988) levanta a questão dos nacionalismos presentes na comédia, através da presença de provérbios e expressões populares. Fizemos um levantamento dessas ocorrências, concluindo ser o Ms. H o testemunho que mais as apresenta.

Gostaríamos de terminar como Décio Carneiro (1895: 9) começou:

O intuito primordial do presente estudo é tornar conhecida a vida d'esse vulto sympathico da nossa historia litteraria, mostrar a estreita relação que ha entre ella e a sua obra, e restituir, ante a geração actual, o poeta ao logar a que tem direito pela independencia do seu character, pela auctoridade indiscutivel que lhe dava esse mesmo character, e pelo alto valor de sua poesia, toda conceituosa e philosophica. Isto apenas desejava conseguir o auctor para poder justificar a si proprio a audaz tentativa que emprehende.

Bibliografia

ACTIVA

MIRANDA, Francisco de Sá, *Comédia de Francisco de Sá de Miranda chamada Os Estrangeiros*, manuscrito, Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 11353, ff. 121v a 145.

MIRANDA, Francisco de Sá, *Comédia feita por Francisco de Sá de Miranda*, manuscrito, Houghton Library da Universidade de Harvard, MS Port 13, pp. 2-88.

MIRANDA, Francisco de Sá, 1559, *Comédia d'Os Estrangeiros*, Coimbra, Impressa por João de Barreira.

MIRANDA, Francisco de Sá, 1561, *Comédia intitulada Os Estrangeiros*, Coimbra, Impressa por Antonio de Maris.

MIRANDA, Francisco de Sá, *Comédias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ed. T. F. Earle e José Camões (no prelo).

PASSIVA

ASENSIO, Eugenio, 1974, «Bernardim Ribeiro a la luz de um manuscrito nuevo», In *Estudios Portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 199-223.

BENEDITO, Augusto, 1989, *Poesia e teatro. Sá de Miranda*, Lisboa, Ulisseia.

BRAGA, Teófilo, 2005, *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. II.

CAMÕES, José; CARLOS, Isabel, 2006, *Sá de Miranda a quatro mãos*, Românica, nº 15, Colibri, pp. 9-41.

CAMÕES, José, 2010, *Editar Sá de Miranda: a economia do hipertexto*. In REYNAUD, Maria João; TOPA, Francisco (org.), *Crítica textual e Crítica Genética em Diálogo*, Müncher, Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, , Vol. 2, pp. 29-50.

—, 2005, *Autores quinhentistas de teatro em edição electrónica. I. Sá de Miranda*, Idearte, Revista de Teorias e Ciências da Arte, nº 1
«<http://www.idearte.org/texts/17.pdf>»

CARNEIRO, Décio, 1895, *Sá de Miranda e a sua Obra*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand-José Bastos.

Chartularium Universitatis Portugalensis, 1991, Lisboa, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Vol. X.

COUTO, Aires do, 2004, “As Comédias de Sá de Miranda, Arremedos de Plauto e Terêncio”, In *MÁTHESIS*, 13, pp. 11-34.

EARLE, Thomas F., “Uma nova leitura das comédias de Sá de Miranda”, in *Floema. Caderno de Teoria e História Literária*, nº 4, 2006, pp. 11-36.

—, 1997, *The comedy of the Foreigners. Renaissance Sicily through Portuguese eyes*, Oxford, Claredon Press.

—, 2000, «Sá de Miranda’s Roman Comedy» in *Cultural links between Portugal and Italy in the Renaissance*, Oxford University Press, ed. K. J. P. Lowe, pp. 153-156.

—, 2003, «Traição e Amargura nas comédias de Francisco de Sá de Miranda», in *Em Louvor da Linguagem – Homenagem a M. Leonor Buescu*, Lisboa, Colibri, pp. 87-96.

—, 2005, «Para uma edição crítica das comédias de Francisco de Sá de Miranda», in *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio em Homenagem a Amadeu Torres I*, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

—, 2010, «Rethoric and drama: the two versions of Sá de Miranda’s *Os Estrangeiros*» in *Culture and Society in Habsburg Spain*, ed. N. Griffin, C. Griffin, E. Southworth, C. Thompson, London, Tamesis Books, pp. 35-44.

FRANCO, Márcia Arruda, 2005, *Sá de Miranda Poeta do Século de Ouro*, Coimbra, Angelus Novus.

LAPA, Rodrigues, 1960, *Obras completas. Francisco de Sá de Miranda*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Tomo II.

MACHADO, Diogo Barbosa, 1966, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica*, Coimbra, Atlântida Editora, Tomo II, pp. 251-255; 392-393 (*fac-símile* da edição de Inácio Rodrigues, 1767).

MACHADO, José de Sousa, 1928, *O Poeta do Neive*, Braga, Livraria Cruz.

MARTINS, José V. de Pina, 1972, *Sá de Miranda e a Cultura do Renascimento. I Bibliografia*, Lisboa, Braga, Livraria Cruz.

RÊGO, Raul, 1982, *Os Índices Expurgatórios e a Cultura Portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve.

REMÉDIOS, Mendes dos, 1930, *As comédias de Sá de Miranda*, in *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

ROCHA, Andrée Crabé, “O teatro de Sá de Miranda ou a viagem italiana” in BARRETO, Costa, org., *Estrada Larga*. Antologia do Suplemento Cultura e Arte de *O Comércio do Porto*, Porto, s.d.

—, 1969, *As aventuras de Anfitrião e outros estudos de teatro*, Coimbra, Livraria Almedina.

ROIG, Adrien, 1983, *O teatro clássico em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Breve.

FORTES, Agostinho; SAMPAIO, Albino Forjaz de, 1936, *Francisco de Sá de Miranda*, in *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular, pp. 137-140.

SAMPAIO, Albino Forjaz de (dir.), 1926, *Os Poetas – Sá de Miranda*, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias.

SILVA, Inocêncio da, 1859, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, Tomo 3, pp. 53-55.

SILVA, Martha Francisca Maldonado Baena da, 2006, *A comédia clássica de Sá de Miranda e o diálogo intertextual com seus paradigmas literários*, São Paulo. Tese de dissertação de Mestrado.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis, 1885, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, Max Niemeyer (Reprodução em *fac-símile*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989).

«Vida do Doutor Francisco de Sa de Miranda», 1614, in *As obras do Doctor Francisco de Saa de Miranda*, Lisboa, Livreiro Domingos Fernandez.

TAVANI, Giuseppe, 1988, «As características nacionais das comédias de Sá de Miranda», in *Ensaio Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 413-428.

ANEXOS

Anexo 1

Expressões Latinas

Acto, Cena	Impresso de 1559	Ms AS	MS H	Impresso de 1561
II, 6				Dous toques de trovas d'improviso que tens nisto <i>gracia gratis data</i>
II, 7		Briobris: Se tal é, dize-mo e verás como se em si mil cento per um <i>acipietis</i> .	Briobris: Se tal é, dize-mo e verás como se entende <i>centum per uno accipiet</i> .	
III, 1	Petrónio: <i>Omnia fert etas animum quoque</i>	Petrónio: <i>Omnia feret etas animum quoque</i>	Petrónio: <i>Omnia fert etas animiquoque.</i>	
III, 1				Petrónio: <i>Tempus edax rerum tu que o invidiosa vetustas. Omnia consumitis</i>
III, 1				Petrónio: ... senão pardieiros e campos <i>ubi Troia fuit</i>
III, 1			Petrónio: <i>Nulla amor qui vincat paternum</i>	
III, 1	Petrónio: ... e mais agora assentando a vontade e despedindo de todo aquele <i>animo redeundi</i>	Petrónio: ... e mais agora assentando a vontade e despedindo de todo aquele <i>animo rediundi</i>	Petrónio: ... despindo de todo aquele <i>animo redeundi</i>	
III, 1	Petrónio: ... <i>si fas est dicere</i>	Petrónio: ... <i>si fas est dicere</i>	Petrónio: ... <i>si fas est dicere</i>	
III, 1	Petrónio: <i>Patria est ubi bene est</i>	Petrónio: <i>Patria est ubicumque bene est</i>		Petrónio: <i>Patria est ubicumque bene est</i>
III, 1				Petrónio: Certo os homens não

				deviam de falar nas cousas do mundo senão despois de muita infinda experiência, que, segundo o filósofo, <i>est mater rerum</i>
III, 1	Petrónio: <i>unde illud vir sapiens dominabitur astris</i>	Petrónio: <i>vir sapiens dominabitur astris.</i>		
III, 1	Petrónio: ... <i>omnium rerum vicissitudo est</i>	Petrónio: ... <i>omnium rerum vincissitudo est</i>		
III, 1	Petrónio: ... árdua matéria e de <i>apicibus iuris</i>	Petrónio: ... árdua matéria e de <i>apicibus juri</i>		Petrónio: ... e bem souberam as leis o que diziam em chamarem seus próprios herdeiros, ponto alto e <i>de apicibus iuris</i>
III, 2	Petrónio: ... como diz Boécio, <i>Intempestivi funduntur vertice cani et dolor aetatem iussit in esse suam</i>	Petrónio: ... como diz Boécio, <i>Intempestivi funduntur vertice cane et dolor etatem jussit in esse suam</i>	Petrónio: ... e assi os nojos fazem adiantar as cãs, <i>Intempestivi funduntur vertice cani.</i>	
III, 3			Petrónio: <i>Quot capita tot sententiae</i>	
III, 3	Petrónio: É verdade. Porém <i>non refert</i> , porque <i>genus masculinum concipit foemininum</i> , é texto expresso.	Petrónio: É verdade. Porém <i>non referet</i> , porque <i>genus masculinum de juri concepit fimininum</i> , é texto expresso.	Petrónio: Não faz mais assi que assi, porque dizem os nossos textos que <i>genus masculinum concipit foemininuma sunt jura vulgaria</i>	
III, 3	Petrónio: Falas como quem o entende, porque <i>de jure</i> as mulheres dos doutores hão de ser chamadas senhoras e hão de ser preferidas às outras nos lugares da igreja e de tôdalas outras cerimónias, <i>quod jam obtinuit in facti contingentia</i>	Petrónio: Falas como quem o entende, porque <i>de juri</i> as mulheres dos doutores hão de ser chamadas senhoras e, assi, hão de ser preferidas às outras nos assentos das igrejas e toda cirimónia, o que <i>ja otinuit in facti contingentia</i> .	Petrónio: Falas como quem o entende, porque <i>de jure</i> as mulheres dos doutores se hão chamar senhoras e hão de ser perferidas às outras nos assentos e toda a outra cerimónia, o que já defendi <i>in facti contingentia</i>	

III, 3	Petrônio: Porém, ãa conclusão é certa, que a ciência pertence ao spírito e nam ao corpo, donde inferem os nossos doutores <i>notabiliter et est communis opinio</i> , que se nam pode doutorar um homem morto.	Petrônio: Porém, ãa concrusão é certa, que a ciência pertence ao esprito e não ao corpo, donde infirem os nossos doutores <i>notabiliter est communis opinio</i> , que se não pode doutorar um homem morto.		
III, 3	Petrônio: Nam entra per i o gato às filhós, que o argumento procede <i>negativae et non affirmativae</i>	Petrônio: Nam entra per i o gato às filhós, que o argumento procede <i>negative e nam affirmative</i> .		Petrônio: <i>Subtiliter</i> Devorante, mas, respondendo <i>breviter</i> , declaro-me que o do spírito que disse procede <i>negative non affirmative</i>
			Devorante: Enfim, <i>domine doctor</i>	
III, 4	Petrônio: <i>Ne nostrum comites prosequerentur iter</i> , como diz Boécio	Petrônio: <i>Ne nostrum comites presequerentur iter</i> , como diz Boécio	Petrônio: <i>Ne nostrum comites prosequerentur iter</i> , como diz Boécio	
III, 4		Guido: Dessas pode homem dizer co aquele divino poeta: <i>per mare pauperium fugens per saxa per igneis</i> .		
III, 4				Petrônio: <i>Qui ascendunt mare, in navibus, viderunt opera eius e</i> , por isso, as nossas leis seis meses do ano defendem a navegação
III, 5	Petrônio: <i>Transivimus per ignem et aquam et eduxisti nos in refrigerium</i> , diz o salmista	Petrônio: <i>Transivimus per ignem et aquam et duxisti nos in refrigerium</i> , diz o salmista.	Petrônio: <i>Transivimus per ignem et aquam et aduxisti nos in refrigerium</i>	
III, 5	Petrônio: <i>Terram aute dedit filiis hominum</i>	Petrônio: <i>Terram aute dedi filis hominum</i> .	Petrônio: <i>Terram autem dedit filiis hominum</i>	

III, 5			Guido: Per mare pauperiem fugiens per saxa per ignes.	
IV, 5	Calídio: Tens mui danosa manha, porque acharás muitos que ta neguem e ter-te-ão grande aventagem <i>in agilibus</i>	Calídio: Tens mui danosa manha, porque acharás muitos que ta neguem e ter-te-ão grande aventagem <i>in agilibus</i>	Calídio: Danosa manha tens, porque acharás muitos que a negarão e terão muito grande aventagem <i>in agilibus</i>	Calídio: Acharás logo muitos que o tenham e ficar-te-ão com grande vantagem <i>in agilibus</i>

Anexo 2

Referências eruditas

Acto, Cena	Impresso de 1559	Ms A	Ms H	I 1561
I, 3	Cassiano: Não fora melhor lançar essas riquezas no mar, como fez o outro filósofo vão?	Cassiano: Não fora melhor deitar essa riqueza ao mar, como fez o outro filósofo vão		
I, 2	Cassiano: Essa me chamais vós a mim liberdade?	Cassiano: Essa me chamais vós a mim liberdade? Certo que a não chamavam ela assi os antigos.	Cassiano: Liberdade me chamais vós òs azos e licenças pera os vícios. Não a chamavam a ela assi os antigos	
II, 1	Devorante: Nestas cousas, como dizem os sabedores, não valem as forças de Sansão nem o saber de Salamão.	Devorante: Nestes casos, como dizem os sabedores, não valem as forças de Sansão nem o saber de Salamão	Devorante: Como dizem os sabedores, não valem as forças de Sansão nem o saber de Salamão	
II, 1	Devorante: E de Hércules já ouvirias de como o fez fiar ãa moça e dar-lhe conta de suas maçarocas.	Devorante: E de Hércules já ouvirias de como o fez fiar ãa molher moça e dar-lhe contas de suas maçarocas	Devorante: E de Hércules, já sabes que ua mulher o fez debar e fiar e dar-lhe conta das suas maçarocas	Devorante: São obras do amor, que já fez a Hércules, conquistador do mundo, fiar e debar
II, 1				Devorante: Assi contam que se toma o alicorne, animal tão bravo
II, 1				Briobris: E assi aconteceu a Roldão e Reinaldo
II, 1				Devorante: E ontem a el rei Carlos, o da cabeça grande,

				em Piamonte
II, 1				Briobris: E, assi dũas como doutras, os começos; que despois ãa palavra leva a outra, por ãa maneira nova que ora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais
II, 1				Devorante:Que mais poderá dizer um Mancias
II, 1	Devorante: Que farão os outros vendo-te a ti, e mais apaixonado? Assi havia de ser feito Heitor troiano.	Devorante: Que farão os outros vendo a ti, e mais apaixonado? Assi devia de ser feito Heitor troiano.	Devorante:Assi devera de ser feito Heitor troiano	
II, 1	Devorante: E esse d'ouro é, que mais pudera dizer um Séneca?	Devorante: E esse d'ouro é, que mais pudera um Séneca dizer?	Devorante:Não pudera mais dizer um Séneca	
II, 2		Devorante:Um Rolão nas armas, pera as damas um Narciso. E a mi que se me dá?	Devorante:Um Roldão nas armas, para as Damas um Narciso	Devorante:Nas armas um Roldão, mais fermoso e mais namorado de si mesmo que Narciso
II, 2				Devorante:Lá se avenham, que eu não me mantenho d'«olhos verdes, quando me veredes
II, 2				I Devorante:sto não se aprende em Paris
II, 2	Devorante: Mas que seja ainda um Beltenebrós.	Devorante: Mas que seja ainda um Beltenebrós	Devorante:Mas que seja ainda um Beltenebrós	
II, 6				Devorante:Que horas estas

				pera andar inda em jejum, inda que fora dia de jejum
III, 3	Petrônio: O filósofo diz que o marido há de levar à mulher boa ventagem de anos e assi o prova por rezões naturais	Petrônio: O filósofo diz que o marido deve levar à mulher boa ventagem d'anos e assi o prova por rezões naturais	Petrônio: Por ponto de filosofia, assi havia de ser, que o filósofo o manda e quer que sempre os maridos tenham boa aventagem d'anos às mulheres, mas já tudo se faz como não deve.	Petrônio: E mais, segundo o filósofo, no casamento, o homem há de ter boa aventagem d'anos à mulher
III, 3				Devorante: Que negra consolação, principalmente pera as belas mal maridadas
III, 3				Petrônio: Porque não são amazonas que tragam armas e escudo
III, 3				Petrônio: Assi podemos dizer co aquele nosso grande Justiniano, <i>noctes ducimus insomnes</i>
III, 3				Petrônio: Oh, línguas de serpentes, escrevendo ele tão altamente <i>De Summa Trinitate e Fide Catholica</i>
III, 3	Petrônio: Como nam? Ora, nam mais, no cabo sam, certo que és mais agudo e mais inventativo que um Barbacio	Petrônio: Como não? Ora, nô mais, no cabo sam, certo que és mais agudo e mais inventativo que um Barbacio.	Petrônio: Como não folgarão os homens de falar contigo, Devorante, que és mais agudo e mais copioso que um Barbacia	
III, 3	Petrônio: Assi a quem a ela Deos der, segundo fama, bem cuido que	Petrônio: A quem a ela Deos der, segundo a fama, bem creo que		

	possa dizer com a escritura «achei mulher segundo meu coração».	pode dizer co' a escretura: achei mulher segundo o meu coração		
III, 3	Petrônio: Mas eu direi como o outro: «de menhã será mulher».	Petrônio: Mas eu direi como o outro: «de manhã será mulher».	Petrônio: E ao que podem dizer que é muito moça responderei como disse o outro: «de menhã será mulher».	
III, 4	Petrônio: Físicos bem ganham de comer, porém, se fora por vontade de Catão Maior, nunca eles entraram em Roma.	Petrônio: Físicos bem ganham de comer, porém, se fora por vontade de Catão o Maior, nunca eles entraram em Roma.	Petrônio: Físicos bem ganham de comer, mas, se fora por vontade de Catão, nunca eles em Roma entraram	
IV, 3			Amente: Ter-me-ias companhia e, como disse o outro, morreríamos na batalha.	
IV, 4	Calídio: Dá-o ò demo, que é um truão, parece-me que fala na Távola Redonda.	Calídio: Dá ò demo, que é um truão, parece-me que fala na Távola Redonda	Calídio: Dá-o ao demo que é um truão, parece-me que fala na Távola Redonda.	
IV, 4	Devorante: Eu, conquanto, creio mais nas palavras do Evangelho que nas daquele tal.	Devorante: Eu, conquanto, creio mais nas palavras do Evangelho que nas daquele tal.		
IV, 5			Calídio: Eu to direi: riamo-nos dele mais que de Garcia na praça	
IV, 5	Calídio: Então, deixa tu ao doutor revolver seus Bártolos, que ele também só neste ponto há de suar e tressuar.	Calídio: Então, deixa tu ao doutor revolver seus Bártalos, que tem bem só neste ponto que suar e tressuar.	Calídio: Então, deixar alegar ao doutor seus Bártolos, que ele tem aqui bem que roer	Calídio: E, quanto ao doutor, deixá-lo revolver seus Bártolos

IV, 5	Calídio: Depois, nam falecerão desculpas e, quando falecerem, tudo será dizer que «los yerros por amores dignos son de perdonar».	Calídio: Depois, não falecerão desculpas e, quando falecessem, tudo seria dizer que «los erros por amores dinos são de perdonare».	Calídio: Depois, tudo se curará só com dizer que «os erros por amores dignos são de perdoar»	
IV, 6	Galbano: ... que nam aposentaram cá os poetas as sereas sem causa.	Galbano: ... que não aposentaram cá os poetas as suas sereas sem causa.		Galbano:... Houve medo, algum mau recado, que nesta terra aposentaram os poetas as suas sereas
IV, 6	Devorante: Deixem-me viver, dizia o outro que se temia, e matem-me quando quiserem, que foi melhor dito que nenhum dos do meu soldado.	Devorante: Deixem-me viver, disse o outro que se temia, e matem-me quando quiserem, que foi melhor dito que nenhum dos do meu soldado.		

Anexo 3 Provérbios

Acto, Cena	Impresso de 1559	Ms. AS	Ms. H	Impresso de 1561
I, 2	Cassiano: ... estes amores, o seu vício é ociosidade, dela nace e dela se criam	Cassiano: ... estes amores, o seu vício é ociosidade, dela nace e nela se criam	Cassiano: ... estes amores, o seu viço é ociosidade, dela nace e nela se cria	Cassiano: ... Esta doudice dos amores nace de ociosidade e nela se mantém.
I, 4	Dório: A longe vá o mau agouro das más palavras	Dório: A longe vá o mau agouro das más palavras	Dório: A longe vá o agouro das más palavras	
I, 4			Cassiano: ... onde o apetite chega leva couro e cabelo	
I, 4	Dório: Venha o diabo e escolha	Dório: Venha o demo e escolha	Dório: Venha o demo e escolha	Dório: Venha, como dizem, o diabo e escolha
I, 5				Dório: A longe vá mau agouro
II, 1	Briobris: Porque são lobas no escolher	Briobris: Porque são lobas em escolher	Briobris: Que são lobas no escolher	
II, 2	Devorante: O mal ganhado, mal se há de despende	Devorante: O mal ganhado, mal se há de despende	Devorante: O mal ganhado, mal se há de despende	Devorante: O mal ganhado, mal se há de despende
II, 2			Devorante: Ao bom dissimular chamam Sancho	
II, 2	Devorante: Bom rosto, bom barrete, boas palavras, nam custam dinheiro	Devorante: Bom rosto, bom barrete, boas palavras, nam custam dinheiro	Devorante: Bom rosto, boas palavras, boas demonstrações, não custam dinheiro	Devorante: Bom rosto, bom barrete, boas palavras não custam nada e valem muito
II, 6				Calídio: Bem me parecia que dali vinha a tosse ao

				gato
II, 6	Devorante: Eles mesmos o dizem: ao doudo e ao touro dar-lhe corro.	Devorante: Eles mesmos o dizem: ao doudo e ao touro dar-lhe-às o corro	Devorante: Eles mesmos o dizem: ao touro e ao doudo dai-lhe corro.	Devorante: Então, vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro.
II, 6	Calídio: Vaso mau nunca quebra	Calídio: Vaso mau nunca quebra		Calídio: Vaso mau nunca quebra
II, 6	Devorante: Os antigos diziam verdade: a fome e a tardança levantam cólera. Agora nam sei que dizem da fome e do frio	Devorante: Os antigos diziam verdade: a fome e a tardança levantam a colora. Agora não sei que dizem de fome, de frio e de vento	Devorante: os antigos deziã a verdade: a fome e a tardança alevantam a cólora. Agora dizem fome e frio	Devorante: Bem dizem que fome é frio... Mas o frio é vento
III, 3	Devorante: Após tormenta vem bonança; nam está sempre o diabo a ùa porta	Devorante: Após tormenta vem a bonança; não está sempre o diabo a ùa porta	Devorante: Após a tormenta vem a bonança; não está sempre o diabo trás ùa porta	
III, 3			Devorante: São favas contadas	
III, 3	Devorante: Vede-lo aqui ao pé da letra: cabra morta nam diz mé	Devorante: Vês aqui ao pé da letra: cabra morta nam diz mé	Devorante: Parece-me isto com «cabra morta não diz mé».	Devorante: Eis o que se diz de cabra morta: não diz mé.
III, 3	Petrónio: Nam entra per i o gato às filhós	Petrónio: Nam entra per i o gato às filhós		
III, 3	Petrónio: Porque as mulheres nam hão de andar muitos caminhos, que são cousa perigosa e delicada, e quebra como vidro	Petrónio: Porque as mulheres não hão de andar muitos caminhos, que são cousa delicada e perigosa, quebram como vidro	Petrónio: Porque as mulheres não hão de andar muitos caminhos, que são cousa delicada e perigosa, quebram como vidro	Petrónio: Porque as mulheres não hão de andar muito caminho, que são ùa perigosa mercaderia, quebram como vidro
IV, 2				Calídio: Não sabes tu aquele dito tão verdadeiro: que o homem ou havia de ser rei ou doudo?

IV, 2			Calídio: ... por isso dizem que mais asinha se torna um mentiroso que um coxo	
IV, 3	Calídio: Valeu-me que o vi primeiro, como dizem do lobo, que doutra maneira ainda agora nam falara	Calídio: Valeu-me que o vi primeiro, como dizem do lobo, que doutra maneira ainda agora não falara	Calídio: Valeu-me vê-lo primeiro, como dizem do lobo, doutra maneira inda agora não falara	Calídio: Valeu-me que o vi primeiro que ele a mi. Doutra maneira, como dizem do lobo, tolhera-me a fala de todo
IV, 4			Calídio: ... quem canta seus males espanta	
IV, 5				Calídio: O homem há de ser calejado pera correr o mole e o duro
V, 1	Reinalte: Porém, ao abaixar do golpe a carne é fraca e arrecea	Reinalte: E, porém, ao abaixar do golpe a carne é fraca e arrecea	Reinalte: Todavia ao decer do golpe o coração é de carne e recea	Reinalte: Todavia ao abaixar do golpe a carne é fraca e estremece toda
V, 3			Devorante: ... parece-me que achou forma de seu pé	